



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARÁ.
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA DO CAMPO
FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA

MARGARETE NONATO FERRO

**A BIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE DO VALE SUCUPIRA COMO
PARTE DO CURRÍCULO NA ESCOLA WILDEMBERG DE OLIVEIRA ASSIS NA
SERRA DAS ANDORINHAS-PARÁ.**

MARABÁ-PA
2012

MARGARETE NONATO FERRO

**A BIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE DO VALE SUCUPIRA COMO
PARTE DO CURRÍCULO NA ESCOLA WILDEMBERG DE OLIVEIRA ASSIS NA
SERRA DAS ANDORINHAS-PARÁ.**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Pará UFPA – Campus Universitário do Sul e Sudeste do Pará, Núcleo de Marabá, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campo, sob orientação do Prof. Dr. José Pedro de Azevedo Martins

MARABÁ-PA
2012

MARGARETE NONATO FERRO

**A BIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE DO VALE SUCUPIRA COMO
PARTE DO CURRÍCULO NA ESCOLA WILDEMBERG DE OLIVEIRA ASSIS NA
SERRA DAS ANDORINHAS-PARÁ.**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Pará UFPA – Campus Universitário do Sul e Sudeste do Pará, Núcleo de Marabá, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campo, sob orientação do Profº. Ms. José Pedro de Azevedo Martins

Aprovado em: 27/02/2012

Conceito: BOM

Banca examinadora:

Profª. Maura Pereira dos Anjos

(Examinadora) – UFPA/Campus Marabá.

Profº: Claudionísio de Souza Araújo

(Examinador) – IFPA/ Campus Rural de Marabá.

MARABÁ-PA
2012

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus por estar presente em todos os momentos difíceis, na elaboração deste trabalho, me dando sabedoria, paciência e humildade para chegar ao final desta pesquisa.

A minha amiga Rosinete Lima por ter me confiado esta missão, a minha mãe Amelia, o meu pai Norberto, e o meu esposo João pelo apoio, incentivo e a segurança depositada em mim nesta jornada.

A minha querida irmã Sandra, minha sobrinha Isadora, pela paciência e compreensão pelos momentos ausentes durante as etapas. Dedico-lhes este trabalho. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me amparado e conduzindo meu caminho, não deixando fraquejar ou até mesmo desistir durante todo o processo de formação e construção deste trabalho.

A minha família, em especial a minha mãe Amélia, meu pai irmãs, irmãos, sobrinhas, sobrinhos, amigos e amigas por acreditarem e me impulsionaram durante todos os momentos de aflições e impaciências.

Ao meu orientador José Pedro de Azevedo Martins que esteve presente nos momentos mais difíceis, por ter me ajudado durante todo o processo. Pelas longas conversas, debates, e soluções.

Meus amigos, em especial a querida Terys Borges, a minha amiga Claudenir Ribeiro e a saudosa Maria Silva, por termos dividido o mesmo espaço durante o percurso de formação e termos construído laços de amizade que vai ficar para toda a nossa vida.

Aos amigos que fiz durante o curso que contribuíram para minha formação enquanto pessoa nos quais destaco: Evandro Medeiros, Terys, Claudenir, Maria, Adriano, Mirian, Geane, Gilzete, Elisney, Claudio, Alcenor.

Ao meu amigo Nilson Amaral por me ajudar nas horas mais difíceis, como os equipamentos eletrônicos.

Ao educador e coordenador do curso Evandro Medeiros por proporcionar momentos de grande aprendizagem para a turma, inclusive a mim.

A todos os educadores do colegiado de pedagogia e de outros colegiados, que contribuíram no meu processo de formação pessoal e intelectual.

A toda turma de Pedagogia do Campo 2006 pelos anos convvidos.

A toda família "Ferro".

Aos educadores que permitiram a pesquisa desse trabalho com suas
e a todos que fizeram parte da construção desta pesquisa.

LISTA DE SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

EA – Educação Ambiental

FETAGRI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Pará

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

PACS - Programa de Agentes Comunitários de Saúde

PESAM - Parque Estadual da Serra dos Martírios/Andorinhas

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

STTR-SG – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de São Geraldo

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFPA - Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a percepção dos educadores, pais e comunidade do Vale Sucupira, focando suas experiências e vivências no Vale Sucupira que fica situado na Serra das Andorinhas/Martírios, no município de São Geraldo do Araguaia, na região Sudeste do Pará, o Vale Sucupira está situado dentro de uma área de conservação Estadual, que pode (ou não) ser trabalhada como conteúdos nas escolas do campo do referido lugar, podendo aprofundar as discussões sobre a Educação Ambiental. A pesquisa de campo foi realizada na escola Wildemberg de Oliveira Assis que fica na localidade acima citada. Este estudo também tem como objetivo entender o processo formativo de ensino e aprendizagem em relação à Educação Ambiental construído na esfera da escola e comunidade. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas com os pais, educadores, educandos do nível de escolaridade entre 1º a 7º ano do ensino fundamental. A escola pode ter como referência essa área de conservação ambiental, tendo a oportunidade de proporcionar aos educandos uma via de acesso de abordagem de Educação Ambiental (EA), com uma perspectiva transformadora das relações entre sociedade e natureza. Assim, um dos elementos principais a serem destacados neste trabalho é a forma da inclusão do Parque Estadual Serra das Andorinhas nos conteúdos escolares. Caso contrário, é importante abordar os motivos que levam os educadores a não trabalharem a importância do Parque Serra das Andorinhas como instrumento de um processo mais amplo de ensino-aprendizagem da Educação Ambiental nas escolas do campo do Vale sucupira.

Palavras chaves: Áreas de Conservação Ambiental, Biodiversidade, Vivências, Educação do Campo, Educação Ambiental Crítica.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
CAP I - INTRODUÇÃO	11
I. I - OBJETIVO DO ESTUDO: Compreender a Educação Ambiental do Parque Estadual Serra das Andorinhas.....	16
I. II - SUSTENTABILIDADE E BIODIVERSIDADE EM FOCO	16
I. III - A IMPORTÂNCIA DESTE TRABALHO PARA O CONHECIMENTO.....	17
CAP II. PERCURSO FORMATIVO DA AUTORA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA ESTUDADA	18
II. I. - O AMBIENTE DE PESQUISA APA ARAGUAIA: Processo de ocupação da Região Araguaia.....	24
II. II - CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO: INFRA-ESTRUTURA E RECURSO MATERIAIS DA ESCOLA WILDEMBERG DE O. ASSIS.....	32
II. III - DADOS DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLA	33
II.IV. ELEMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
II. V - EM BUSCA DE DIÁLOGO SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO VERSUS RURAL	38
II. VI - IMAGINANDO UMA NOVA HUMANIDADE NAS ESCOLAS DOS ASSENTAMENTOS	41
CAP III - EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: Contribuição ou Desafio?	45
III. I - REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	46
CAP IV - REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXISTENTE NO APA ARAGUAIA	49
IV. I - CAMINHOS DA PESQUISA	51
CONCLUSÃO: Atitudes que marcam o início de mudanças.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXOS	66

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho busco discutir e analisar a importância da Educação Ambiental e da sustentabilidade para os pais, educadores e educandos do ensino fundamental e como processo de ensino e aprendizagem em que o Parque Estadual Serra das Andorinhas, situada na região Serra dos Martírios/Andorinhas, no município de São Geraldo do Araguaia, no Sudeste do Pará, é apresentado como tema gerador de discussão e com probabilidades de ser visto como recurso pedagógico e como um meio facilitador para sensibilizar os educandos acerca das questões ambientais na Escola Municipal Ensino Fundamental Wildemberg de Oliveira Assis, situada no Vale Sucupira na região acima citada.

Principalmente no que diz respeito à conservação de áreas protegidas, esses são elementos fundamentais para estabelecer informações que possam servir de base para repensar as atuais relações entre o homem e a natureza.

Esta monografia está dividida em 06 capítulos, além da Introdução, que constitui o primeiro capítulo, nela estão inseridos elementos da problematização construída no processo de pesquisa, a partir de elementos como: a justificativa, as perguntas de pesquisa, as hipóteses que serviram de orientação para a construção do trabalho, os seus objetivos e a importância para o conhecimento.

Já o segundo capítulo traz uma discussão sucinta sobre o percurso formativo da autora (pelo fato de ter sido construída por todos os educandos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campo, ofertado pela UFPA em Marabá, em seus respectivos Trabalhos de Conclusão de Curso). Tal parte comum compreende a trajetória formativa, uma “revisão autobiográfica”, uma resumida discussão comparativa entre Educação do Campo e Educação Rural, e uma caracterização geral do APA Araguaia Serra das Andorinhas, trazendo alguns de seus elementos descritivos, como a localização geral da área em estudo de São Geraldo e da Unidade de Conservação Estadual, e os diversos problemas ambientais que a comunidade enfrenta atualmente.

No terceiro capítulo indica os elementos metodológicos que foram utilizados para abordar os processos de ensino e aprendizagem em relação à temática de estudo na escola analisada, e como foi construído e desenvolvido este trabalho, a partir de autores que discutem e descrevem os processos metodológicos selecionado para a realização da pesquisa.

O quarto capítulo, está o referencial bibliográfico, no qual se utiliza autores que fazem uma discussão mais aproximada da temática que debatemos sobre uma Educação Ambiental a partir de um aspecto crítico e transformadora, são eles: Paulo Freire, Alexandre de Gusmão Pedrini, Pedro Wilson Guimarães, Miguel Arroyo, Hugo Assmann, Mônica Castagna Molina, Medina, Dan Baron, Roseli Salette Caldart, Valdo Barcelos e outros. Que pelas suas contribuições no campo da educação, nos dão subsídios para um aprofundamento das compreensões acerca das relações socioambientais.

No quinto capítulo foram analisadas questões de maior importância em relação à contribuição para a abordagem à temática do presente estudo. Em seguir, no último capítulo, estão contidas as considerações finais do trabalho, no qual apresenta uma síntese dos principais resultados obtidos durante o desenvolvimento da pesquisa. Por fim, vem às referências bibliográficas dos autores que foi utilizado para fundamentar esse trabalho, nos anexos se encontram as entrevistas transcritas, fotos e as perguntas que foram feitas.

I. INTRODUÇÃO

A partir da existência do homem e dos demais seres vivos no planeta, passou a existir uma influência mútua entre o homem e o ambiente. Essa vivência faz parte da vida na terra. Essa relação torna-se indispensável para a evolução da biosfera e dos ecossistemas. No entanto, no transcorrer da vida, a humanidade vem desrespeitando a seriedade das outras espécies para a estabilização ecológico do mundo.

Como a natureza é diversificada, formada por vários tipos de recursos naturais utilizados pelo homem, e o uso intenso de alguns deles, podem comprometer o esgotamento desses recursos ou prejudicar o meio ambiente. Assim, o que se tem percebido é o aumento do desenvolvimento econômicos que contribui com a desigualdade e exclusão social, além de danos ao meio ambiente.

Os resultados das ações baseadas nessa visão de mundo estão deixando o meio ambiente cada vez mais depedrado, pois as atitudes desarranjadas que intervêm de maneira drástica no equilíbrio da biosfera, pondo em risco a sobrevivência de grande parte dos seres vivos que constituem a biodiversidade dos ecossistemas. Constituiria, necessariamente, uma modificação na visão de mundo, dominante na esfera do sistema capitalista, buscando uma maior racionalidade para apreender que os recursos naturais são finitos e podem se esgotar de forma irreversível, e todos esses subsídios apontam para problemas futuros não só para a natureza, mas para a própria classe humana.

Tendo em vista a situação crítica dessa problemática ambiental em escala internacional durante a segunda metade do século XX, organizou-se a Conferência de Estocolmo, pela ONU – Organização das Nações Unidas, em 1972, que foi considerada um marco histórico, na esfera da política internacional, por chamar a atenção do mundo para os problemas ambientais.

Nessa Conferência foi elaborada uma declaração sobre o Meio Ambiente e o Homem, que aconselha que seja instituído um programa internacional de Educação Ambiental (EA), visando educar o cidadão comum para que ele tenha capacidade de manejar e controlar o ambiente em que essas pessoas vivem, e que se possa reconhecer o desenvolvimento da EA como um elemento crítico para o combate à crise ambiental no mundo. Assim:

As pessoas se constituem em relação com o mundo em que vivem com os outros e pelo qual são responsáveis juntamente com os outros. Na educação ambiental crítica esta tomada de posição de responsabilidade pelo mundo supõe a responsabilidade consigo próprio, com os outros e com o ambiente, sem dicotomizar e/ou hierarquizar estas dimensões da ação humana (DIAS, 2000, p. 36).

Tendo em visto conflitos socioambientais contemporâneos, a Educação Ambiental se mostra urgente e indispensável para a edificação de um procedimento de ensino contínuo no aspecto progressivo, visando construir novos paradigmas para conduzir a ação do homem, que não passe necessariamente pela relação utilitarista predominante no modo de produção capitalista, e que é baseada no consumismo e na exploração da natureza e do homem pelo homem.

Uma EA a qual possibilite aos educandos o despertar dos seus conhecimentos, a construção de valores e o desenvolvimento de habilidades que favoreçam a participação consciente e organizada dos cidadãos diante das questões que podem envolver a vida no planeta, na atualidade e no amanhã.

Desse modo, uma dimensão normativa da Educação Ambiental estabelece que ela esteja presente nos vários momentos da vida dos sujeitos, nas ações de educação não formal, mas também em todas as fases do ensino formal, e principalmente na educação básica, através de uma práxis pedagógica que traga uma ação transformadora, que marche firmemente para formar indivíduos críticos e cômnicos sobre o ambiente, na complexidade de seus aspectos e nas suas afinidades com a coletividade. Esse é o olhar de uma Educação Ambiental crítica e trans/formadora, que seria extraordinário como dispositivo de intervenção e diagnóstico da realidade, principalmente a partir da educação formal. Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que devem orientar as ações da educação básica, propõem que:

(...) A escola deverá (...) oferecer meios efetivos para cada aluno compreender os fatos naturais e humanos referentes a essa temática, desenvolvendo suas potencialidades e adotar posturas pessoais e comportamentos sociais que lhe permitam viver numa relação construtiva consigo mesmo e com seu meio; colaborando, protegendo e preservando todas as manifestações de toda a sua força, abundância e diversidade. (BRASIL, 1997, p. 197)

Nesse sentido, a EA deve ser vista na escola como fonte de instrumentos indispensáveis, no sentido de movimentar os sujeitos sobre a real situação ambiental contemporânea, e que essa temática, trabalhada de forma transversal, seja vista

como importante para orientar os conteúdos trabalhados pelas escolas na educação básica, assim como as aulas de matemática ou português. Dessa maneira, o sistema educacional estaria contribuindo para formar pessoas comprometidas e responsáveis não somente por suas funções, mas também pelo que acontece a sua volta.

No entanto, nas abordagens ainda predominantes nas escolas atualmente, o que se percebe é uma educação que ignora o aspecto ambiental e a sua importância, não só para a vida, mas para a formação do ser humano como sujeito responsável por conservar um ambiente equilibrado para a própria sociedade e para as outras formas de vida. Segundo Dias (2000, p. 16) “(...) ainda se treina a (o) educanda (o) para ignorar as conseqüências ecológicas dos seus atos”.

Frente a essa realidade, percebi, que a formação para além da sala de aula os educandos as educandas precisam e gostam de novas formas de se trabalhar a educação, na qual prezem a ecologia e valorize os conhecimentos e os condicionamentos dos lugares. Onde levem em consideração as práticas e os saberes das populações locais que vivem em uma relação mais intrínseca com os elementos naturais em seu cotidiano.

O interesse em pesquisar o Vale Sucupira deve-se ao fato do espaço tratar-se de uma comunidade camponesa que surgiu a partir da ocupação pacífica de trabalhadores rurais da região, que se conforma como uma realidade de diversos aspectos relevantes que merecem ser estudado uma vez que nos ajudaria compreendermos melhor a dinâmica ambiental constituída no campo, considerando este como um contexto especial.

Devido à paisagem apresentada ser variada em sua biodiversidade e por se tratar de uma área de conservação, que lida com pouca ou nenhuma infra-estrutura vão atribuindo novos sentidos as necessidades imediatas e através dos desafios do dia-a-dia vão ressignificando esse cotidiano através de suas ações.

Outro acontecimento que chama atenção é se tratar de uma escola do campo, que apesar da sua localidade ser em uma área de preservação ambiental, funciona descontextualizado, o que retrata alguns dos aspectos que são vivenciados por muitas escolas do campo. Assim, como demonstra as várias configurações de como as escolas do campo são acolhidas, considerando que o espaço pesquisado é uma escola que os professores são responsáveis pela direção da mesma, que

atende o ensino fundamental (1º ao 7º ano) e que se constitui a partir da multissérie, a uma infra-estrutura simples, entre outros aspectos.

Contudo, essa característica trazida busca-se através desta pesquisa fazer uma análise de como se conforma a prática dos educadores dessa escola e os princípios que norteiam o fazer cotidiano dos mesmos, que metodologias são utilizadas e de que forma o fazer docente vem sendo refletido.

Outro ponto relevante da qual a pesquisa busca responder diz respeito às práticas desenvolvidas: se aproximam ou não da proposta de Educação do Campo integrada a uma Educação Ambiental, como os educadores percebem esse fazer. Desse modo a partir da análise dessa realidade acredito que a pesquisa contribuirá para a reflexão e construção de uma proposta de educação do campo contextualizado, que tenha em vista que o espaço pesquisado retrata uma realidade de muitas das escolas existentes no campesino.

Tendo em vista que os elementos que foram vistos acima, nos possibilitam refletir sobre o processo de formação dessa região, sobretudo de sua trajetória e desde sua fundação e até os dias atuais, bem como identificar e compreender as práticas existentes nas ações ambientais e as motivações que as lideranças cultivam em relação aos aspectos ambientais. Esses aspectos serão considerados como importantes para entender os elementos possíveis da realidade local que podem orientar ações práticas de Educação Ambiental nas escolas dessa localidade.

Assim, o que se pretende é realizar um estudo qualitativo, que permita partir da realidade concreta de uma área de conservação nessa região para uma abordagem sobre a EA que tome as questões ambientais a partir de um ponto de vista crítico e reflexivo.

A escola como instituição social, deveria desenvolver atividades que proporcione aos educadores e educandos a refletir sobre este fato e propiciar um conhecimento integrado aos mesmos, de forma que pudessem estar buscando possibilidades de desenvolvimento sustentável, através de projetos que viessem atender a demanda deste local.

O meu interesse em realizar este trabalho despertou-se no ano 2008 quando trabalhava como professora na Vila Vale Sucupira, nas séries iniciais e finais do ensino fundamental, neste mesmo ano no curso de pedagogia do campo, cursamos a disciplina Fundamentação Teórica Metodológica de Ciências e Matemática. Neste processo de construção pensei em um projeto, cujo nome “Frutos e Sementes do

Cerrado”, que tinha como objetivo valorizar os tipos variados de frutos e de semente da comunidade. O projeto teve um resultado positivo e com isso foram realizados outros projetos/ação neste espaço, e desde então senti a necessidade de enraizar este assunto no espaço escolar.

Partindo deste ponto de vista compreendendo a importância de realizar pesquisa/estudos em educação ambiental vendo que este espaço está localizado em uma grande área de preservação ambiental é que pensei em aprofundar a temática: A Biodiversidade e Sustentabilidade do Cerrado no Vale Sucupira como parte do currículo na escola Wildemberg de Oliveira Assis, em especial nas séries iniciais na escola Wildemberg de Oliveira Assis.

Considerando o artigo 28 da Lei 9394/96 que garante práticas e currículo diferenciado nas escolas do campo, o que se observa é que tais aspectos propostos não acontecem na prática, isso é evidenciado no cotidiano das escolas rurais. De certa forma os conteúdos trabalhados em sua maioria estão restritamente relacionados aos livros didáticos, o que nem sempre contempla as reais necessidades de aprendizagem das crianças que vivem no campo.

Tendo em vista documentos oficiais como, Leis de Diretrizes Bases da Educação Nacional-Lei 9.394/96 e Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo-(DOEBEC) ¹ quando cita, diretrizes e princípios das quais nortearão as práticas nas escolas do campo, em contraposição a isso o que efetiva no cotidiano escolar -currículos descontextualizados das necessidades das crianças- é que me desperta o interesse em realizar o estudo, uma vez que a pesquisa contribuirá para a reflexão sobre as práticas dos professores no sentido de repensar o currículo proposto e a reflexão sobre o modelo de educação rural que tem sido direcionado para os camponeses.

Espero que este trabalho possibilite aos educadores e educandos a valorização do meio ambiente em especial o Vale Sucupira que para mim é muito importante e que a meu ver, precisa ser trabalhado dentro da sala de aula com conteúdo escolar, o que não se percebe muita dedicação por parte dos professores, independente das disciplinas que atuam.

¹ Resolução CNE/CEB Nº 1 de 03 de abril de 2002.

I.I OBJETIVO DO ESTUDO: Compreender as práticas existentes em Educação Ambiental no Parque Estadual Serra das Andorinhas

Levando em conta esses elementos, o presente trabalho teve como objetivo básico, referenciado na perspectiva teórica da Educação Ambiental crítica, identificando as práticas existentes em Educação Ambiental na escola do Parque Estadual Serra das Andorinhas, através de uma amostra das famílias, educadores e educandos do Vale Sucupira.

Como também proporcionar meios para que os educandos possam obter uma compreensão de mundo que os levem a observar os fatos naturais como significativo para a existência humana; analisar a percepção de todos sobre as vivências e experiências em Educação Ambiental.

I. II - SUSTENTABILIDADE E BIODIVERSIDADE EM FOCO

O Vale Sucupira tem um extraordinário ambiente de Cerrado sendo de grande significado a serem trabalhado por todos da comunidade. Ao perceber a baixa desvalorização do mesmo como exemplo de biodiversidade e sustentabilidade é que pensei nesta conclusão de curso defendendo que se tenha um olhar voltado para o próprio meio como conteúdo programático pedagógico na escola Wildemberg de Oliveira Assis.

Pensado nesta realidade desenvolvi este trabalho no sentido de contribuir com o desenvolvimento da sensibilidade as questões ambientais na comunidade escolar. Tendo em vista que tais atividades devem ser por meio de trabalho interdisciplinar, para que se obtenha uma maior aprendizagem de conceito na área ambiental. E com isto proporcionar aos educandos a diversidade de informações tornando-se ativos em seu desenvolvimento e a sustentabilidade em meio à comunidade focalizando as questões ambientais já desenvolvidas no Vale Sucupira e como esse experimento espero utilizar como conteúdos, buscando a possibilidade de apresentar propostas pedagógicas para a escola.

A escola assume um importante papel nas comunidades rurais, e percebe-se que a educação é feita de uma forma limitada, não incluindo temas transversais,

como meio ambiente, nem tampouco assuntos da realidade dos alunos, valores sócio ambientais, culturais e econômicos, história de vida, e outros nas propostas curriculares da escola. Partindo deste ponto de vista compreendendo a importância de realizar pesquisa/estudos em educação ambiental sendo que este espaço está localizado em uma grande área de preservação ambiental é que pensamos em aprofundar a temática: A Biodiversidade e Sustentabilidade do Vale Sucupira como parte do currículo na escola Wildemberg de Oliveira Assis na “Serra das Andorinhas”, nas séries iniciais.

I. III - A IMPORTÂNCIA DESTE TRABALHO PARA O CONHECIMENTO

A importância oferecida a esta temática não aponta somente condecorar o Parque Estadual Serra das Andorinhas em relação a esta questão, e sim também valorizar e conservar o ambiente, assumindo objetivos mais amplos, como a proteção de recursos hídricos, a manutenção de espécies ameaçadas, a manutenção dos elementos climáticos, e assim também as suas categorias, em função de sua diversidade e do meio ambiente. Tais temas são básicos dentro de uma abordagem que valorize aspectos da Educação Ambiental como uma probabilidade de transformação da realidade vivenciada pelos sujeitos.

Logo, esta perspectiva de educação anseia que esta Unidade de Conservação que é o Parque Estadual Serra das andorinhas aponte à sensibilização dos educandos da escola já mencionado, o que pode ser um avanço admirável para transformação da educação no Vale Sucupira, e posteriormente na sociedade regional. Contudo vale enfatizar a importância do envolvimento das pessoas nesta construção, tendo em vista que o Parque pode ser um meio que permita o desenvolvimento de uma contribuição educacional original na perspectiva ambiental.

Para o conseguimento desse procedimento, o Parque deve ser envolvido sempre que possível nas diferentes fases do planejamento pedagógico e curricular, e como elemento importante na implementação das ações de ensino e aprendizagem para os educandos da escola Wildemberg de Oliveira Assis. Portanto, este serão os principais elementos analíticos que abordaremos no decorrer da construção desta pesquisa.

CAP II - PERCURSO FORMATIVO DA AUTORA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA ESTUDADA

Neste trabalho apresento o processo formativo individual da autora no curso e suas contribuições para a o aprendizado e formação refletindo sobre ações e práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do percurso que objetivaram ampliar os conhecimentos, bem como instruir para o exercício de uma educação transformadora nas escolas do campo.

Esse trajeto histórico faz parte do procedimento de confiar na luta e de sonhar um sonho aventureiro e possível de ser concretizado. Assim, é a glória de muita imaginação, de sonhos sonhados juntos, por aqueles que acreditam em um mundo melhor, que seja possível de ser transformado em uma perspectiva de novas edificações e visões de mundo no espaço em que se atuam. Tudo isso dependerá dos procedimentos utilizados ou do manancial de formação que são utilizadas, e que arquitetam outras visões sobre a educação e sobre o campo: a visão do campesinato.

Deste modo, refletir sobre a formação no curso Pedagogia do Campo e as contribuições dessa formação para os processos educativos do campo é fundamental para compartilhar e compreender os novos paradigmas que se querem nessa metodologia educacional, que se pretende ser crítico e transformador.

Em primeiro lugar gostaria de convidar você a percorrer nesta trajetória da vida pessoal e acadêmica. Como toda viagem pela memória, não se mostra totalmente completa, mas vai se compondo e recompondo pela conexão dos fatos costurando como uma “grande colcha” de emoções. Sugere que naveguemos pela história de vida antes e depois da Pedagogia do Campo.

Muito antes mesmo de começar o curso de Pedagogia do Campo, eu morava juntamente com meus irmãos que são: Sandra, Márcio, Erivelto, Marcos, Alice, minha mãe, Amélia Nonato Ferro, e meu pai Norberto dos Santos Ferro em Araguaina-To, meus pais sempre foram trabalhadores rurais, entretanto as condições financeiras, sociais, familiares, entre outras dificuldades os tiraram de suas raízes. Sua vinda para a cidade de Araguaina , não foi um sonho desejado, mas em busca de melhores condições de vida para o sustento da família, tivemos que passar por muitos sofrimentos, desilusões, mas tinha muita vontade de voltar para o campo. Ganharam um dinheiro extra como suas profissões, resolveram

comprar uma terrinha aqui no Pará, tudo era difícil na época, a estrada, a moradia, o trabalho até mesmo a própria comida para nós.

Chegamos a São Geraldo do Araguaia, em 1983, meu pai foi sozinho para nossa terra que ficava em uma região chamada Terra Nova, além do mais, tinha muitos pistoleiros e ele temia a morte, quando acalmou, fomos todos nós para a terra tão sonhada. Sempre acompanhei o trabalho árduo no campo, já presenciei e vivi provas nas quais foram difíceis, e mediante essas situações vivenciadas, a vida no campo parecia ser muito desvalorizada, devido às várias dificuldades surgidas neste ambiente, o que poderia desestimular a minha permanência nesse meio.

Com tudo, consegui freqüentar a escola estudei com meu pai que só tinha a quarta série, pois lá não tinha professor e ele foi indicado pelos moradores a atuar nesta área e ele si dispôs a ser o nosso professor. O mesmo sugeriu que a escola se chamasse Antonio Conselheiro, pois, para ele era um desafio ir adiante com toda aquela precariedade, falta de materiais didáticos, materiais permanentes da própria escola como: carteiras, quadro, até mesmo o giz, não deixando de lado a sua própria formação.

A falta de uma qualificação profissional reflete a falta de política pública voltada para os professores. Durante muitos anos o modelo de educação que era destinada as escolas do campo eram vinculadas ao modelo urbanocêntrico, característica fundamental de educação rural, “unicamente voltada aos conteúdos formados e informados no processo de urbanização e industrialização; o ponto de partida e de chegada do conhecimento é a cidade, apresentada como superior e moderna.

Um desenvolvimento de práticas com visão capitalista e generalizada. Esta educação sempre foi um descaso para os governos no regime militar e por isso sempre foi subordinada a uma educação imposta, por pessoas que desconhecem a realidade dos sujeitos principalmente no campo, e outras regiões.

Para que esta realidade não impere é preciso ir buscar constantemente uma educação transformadora. Gadotti afirma que:

A escola precisa dar o exemplo, ousar construir o futuro. inovar é mais importante do que reproduzir com qualidade o que já existem. A matéria prima da escola é a sua visão de futuro”. 2005, p, 09

Contudo, o ensino de meu pai, fortalecia mais e mais as famílias do assentamento que morávamos onde me afirmei e que por mais que estudei em cidade, fluía em mim a sabedoria dos povos do campo. Assim o tempo passou, e chegado à quarta série não tinha mais estudo para mim lá no campo e fui obrigada ir para a cidade de São Geraldo do Araguaia, continuar os estudos, fiquei em casa de amigos, até a sétima série.

Um dia, Dr. Valtércio Pereira (médico clínico geral), veio de Araguaina passear na casa de sua tia, Bia Cardoso (onde eu estava morando) onde me conheceu e me convidou para ir morar com sua família em Araguaina, minha terra natal, aceitei, pois sempre desejei aprofundar nos estudos, pois queria ser professora como meu pai. Sempre estudei em escola pública, e com muita dificuldade, porque dividia o tempo de estudo com o trabalho.

Neste período, tive muitos problemas de adaptação, por ser a primeira vez que fiquei distante da família, sentia falta de estar no campo, correr na roça de arroz, pegar fava e feijão, onde todos os dias eu aprendia com os ensinamentos de meus pais, que por mais que freqüentasse a roça para mim era valioso, meu pai tinha uma maneira de ver a natureza como algo formidável, que todos tinham que respeitar e conviver com ela acima de tudo.

Quando o mesmo pai ia à floresta ele tirava um dia inteiro para corta e preparar o cabo de suas ferramentas, ele tirava a casca da madeira com um canivete carinhosamente e dizia que a gente tinha que valorizar o que Deus nos tinha proporciona naquela terra, desde o alimento como a moradia, o ar puro, os animais, as árvores afinal tudo.

Como em Araguaina, trabalhei de babá dos filhos do Dr. Valtércio durante sete anos, cursei até o terceiro ano do segundo grau, ao termino deste segundo grau eu voltei para casa de meus pais na Terra Nova e não vim sozinha, trouxe comigo uma doença chamada obesidade, que mudou muito minha vida. Ao retornar a nossa terra percebi que lá ainda não tinha o ensino fundamental maior.

Eu e minha irmã Sandra Nonato Ferro, falamos com o prefeito da época e ele concordou em abrir turmas de 5ª a 8ª série no local, pois muitas pessoas que interromperam os estudos, por falta das séries seguinte no assentamento. A minha formação era Ensino Médio Básico da época e minha irmã Sandra o Magistério e fomos dar aulas juntamente com o meu pai, na mesma escolinha Antonio

Conselheiro, que neste mesmo período meu pai já estava cursando a oitava série, pelo Projeto Gavião.

Apesar de sempre ter morado no campo com minha família, e ter que distanciar da terra para estudar, já não me atentava mais para as questões relevantes e essenciais para nossa vida, como a valorização e reconhecimento de identidade camponesa. Antes de fazer parte do curso, eu tinha uma visão pragmática de educação, e não proporcionava uma reflexão sobre os elementos referentes à construção de saberes e valores culturais, sociais e econômicos próprios dos sujeitos do campo.

Na cidade, tinha um gama de oportunidade e prazeres, porém incompletos para mim, e estes prazeres ofuscaram o que eu tinha ido busca (conhecimento científico) como se o sentido da existência educacional tivesse perecido dentro de mim por causa das dificuldades de alcançar os meus ideais.

E este é um dos problemas mais graves que se colocam à libertação humana. É que a realidade opressora, ao compor-se como um quase mecanismo de absorvimento dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências. Assim diz Paulo Freire que:

“A ação libertadora implica num momento necessariamente consciente e volitivo, configurando-se como a prolongação e a inserção continuadas deste na história. A ação dominadora, entretanto, não supõe esta dimensão com a mesma necessidade, pois a própria funcionalidade mecânica e inconsciente da estrutura é mantenedora de si mesma e, portanto, da dominação”. (PAULO FREIRE, 1987, p. 21)

Porém, refletir e agir faz os homens transformam o mundo e a si próprio, sem esta ação é impossível a superação da contradição, opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a admissão crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, ao mesmo tempo atuam sobre ela. Por isto é que também o reconhecimento de uma realidade que não leve à inserção crítica não leva a nenhuma transformação da realidade precisamente porque não é reconhecimento verdadeiro.

Apesar disso, concluir o segundo grau e voltei para a terra de meus pais. Consegui um trabalho de professora aqui no campo, neste intervalo uma doença chamada obesidade me causou vários danos e tive que escolher entre dar aulas ou me tratar. Eu optei por me cuidar, para trabalhar depois, tendo em vista que a saúde

era mais importante no momento, fiz o tratamento que resultou em uma cirurgia de redução do estômago.

Após, recuperada e sem emprego, mas, morando no campo e apenas participando da associação local de moradores e produtores, fui convidada pela minha amiga Rosinete Lima, para trabalhar como auxiliar no Sindicato dos Trabalhadores (ras) Rurais, que na época, a mesma era a presidente. Comecei a prestar serviço no STR de São Geraldo, aí sim inicia a meu envolvimento nos movimentos sociais, resgatando primeiramente a mim mesmo e depois compreender os anseios de outros camponeses em relação à educação dos mesmos.

Este comprometimento me fez ver a conexão do homem com a terra num âmbito maior, (antes só a minha terra) foi possível imaginar quantos jovens da zona rural que concluem o ensino médio e não sabem a história do seu assentamento, não conseguem entender o processo de reprodução socioeconômica das famílias, não sabem o que gira em torno dos mercados, do assentamento ou do próprio município, ou quem controla a política local e regional.

Nesse contexto de uma educação totalmente descontextualizada e acrítica, qual o papel da escola na formação desses educandos? Só se sabe que há muitos jovens frustrados com uma educação que não está ligada à sua realidade. Assim, para esses educandos, que fazem uma formação que supostamente:

(...) ofereceria um futuro de oportunidade e de prosperidade, eles descobrem que não estão aptos sequer a obter um modestíssimo emprego, pois saem do sistema escolar sem possuir as “qualidades” que os empregadores esperam e necessitam encontra em um bom funcionário. Isso acontece porque o sistema de educação, rural/urbano, não lhe proporciona os conhecimentos úteis, as aptidões necessárias e nem sequer as atitudes e os valores que necessitam para ser bons empregados e produtores/agricultores, tampouco os prepara para que sejam bons cidadãos e pais de famílias que saibam educar, orientar e cuidar da saúde dos seus filhos, etc. (Texto disponível em <<http://www.polanlacki.com.br>>. Acesso em: 29 jul. 2011).

As políticas públicas voltadas para a educação no campo não têm sido suficientes, pois não basta ter um prédio escolar se não tiver uma boa equipe de educadores com formação adequada e infra-estruturas disponíveis, laboratórios de pesquisa ou mini-bibliotecas, etc. Mas as preocupações não param por aí, mas sim deve avançar para as “idéias” e conteúdos ofertados. Outra preocupação é com os

educandos que concluem o ensino fundamental e que muitos ficam nesse percurso, evadindo-se das escolas.

Comigo foi diferente, sempre fui determinada a estudar a qualquer preço, o estudo era a luz de meus olhos, por mais que a situação fosse precária, ter que morar fora de casa, para mi era essencial a aprendizagem, meus pais foram fundamentais no papel de educadores, apesar de sua pouca formação escolar, nunca deixaram eu e meus irmãos fora da escola. Com isso me impulsionou a chegar até aqui na universidade com intuito de ir além (especialização, mestrado, enfim).

Em relação à formação superior e à minha inserção na UFPA foi no ano de 2006 já aos 29 anos. Esse processo foi parte de uma parceria estabelecida entre a FETAGRI – Regional Sudeste do Pará e um grupo de professores da UFPA – Campus de Marabá, a partir da qual foi construído um projeto apresentado ao INCRA e ao PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) para a formação de 50 agricultores familiares ligados ao movimento sindical.

No curso tive muitas expectativas, mas ao mesmo tempo alguns desafios, pois apesar de ter conseguido me superar em alguns pontos como não ficar calada quando fosse preciso falar, ser muito sensível ao que os outros falam ou pensam de mim (como me vestir, falar, andar, um item que a obesidade desperta) principalmente contribuir com a fala dos ministrantes em sala de aula, acredito que esse foi uns dos grandes desafios. Com a ajuda das oficinas pedagógicas que foram essenciais para esta mudança em mim, pude enxergar com os olhos que só viam eu mesmo.

Aprendi ouvir melhor as pessoas, compreendendo que é difícil, os indivíduos aceitarem que todos nós temos voz e vez, mas acredito que estejamos na direção certa e que essa proposta de educação transformadora passe a chegar a todos e é começando pela transformação pessoal e coletiva que atingiremos a um resultado satisfatório, que estime as pessoas que ensinam, através de suas ações, práticas diárias, e que isso é extremamente visível.

Quanto ao processo de ensino e aprendizagem sabemos que é lento, mas aos poucos conseguimos o ritmo da academia e a se superar, principalmente nas produções textuais e se pronunciar com mais propriedade, ao fazer o resgate de minha vida, escrevendo sobre minha própria história de vida me descobrindo, me

desafiando ao novo, com esse novo exemplar de educação me valorizei a partir da minha própria história de vida. Para afirmar o que venho dizendo Freire diz que:

A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. É neste sentido que mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros animais apenas mexem nele. É por isso que, não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna, portanto históricos. (FREIRE, 2000, p. 40).

Como o curso de Pedagogia do Campo é uma proposta de formação de educadores do campo, todo processo foi voltado para nossa realidade do campo, todos os projetos, estágios, pesquisas e outros. Que nos proporcionou um grande aprendizado para cada um de nós, podendo resgatar que somos e para onde queremos ir, e foi pelas metodologias do curso que no ano de 2008 cursando a disciplina Fundamentação Teórica Metodológica de Ciências e Matemática. Foi elaborado um projeto/ação cujo nome “Frutos e Sementes do Cerrado”, que tinha como objetivo valorizar os tipos variados de frutos e de semente da comunidade.

Ao desenvolver este projeto despertou-me o interesse em aprofundar esta pesquisa de forma mais acadêmica, compreendendo a importância e necessidade de realizar estudos em educação ambiental é que decidi enraizar o tema *A Biodiversidade e Sustentabilidade do Vale Sucupira como parte do currículo na escola Wildemberg de Oliveira Assis na Serra das Andorinhas*, nas séries iniciais.

II. I - O AMBIENTE DE PESQUISA APA ARAGUAIA: Processo de ocupação da Região Araguaia.

Nos anos 70 durante o auge dos grandes projetos de infra-estrutura implantada pelo governo militar a Amazônia era conhecida como “inferno verde” Uma mata fechada e insalubre, empestada de mosquitos e animais peçonhentos, que deveria ser derrubada a qualquer custo, por colonos, operários e garimpeiros que se aventuraram pela região. Esses migrantes, somados com os indígenas e moradores antigos, mesclaram-se para formar um “Homem Amazônico” (Revista Especial Amazônia – Ed. Abril, ano 42, p. 20 – 2009).

No passado, as estradas da Amazônia assemelharam ao rastro de passagem de um furacão. Até hoje não se pode esperar outra coisa dessas rodovias, pois elas foram criadas precisamente para abrir caminho para a colonização. Movendo-se pelo país os camponeses brasileiros, a seu modo, foram se inserindo no campo.

As pressões exercidas pelos movimentos sociais do campo têm entre as principais reivindicações a reforma agrária na perspectiva de uma radical transformação da estrutura agrária baseada no latifúndio. Porém diante da diversidade de sujeitos e das relações sociais que se configuram no campo eles abarcam diversas demandas, incluindo em suas lutas outras questões tais como: direitos sociais e trabalhistas, melhores salários, contra o trabalho escravo, pelos direitos dos atingidos pela construção de barragens, pela afirmação e respeito à cultura indígena, pelos direitos da mulher, pela garantia de políticas que garantam as produções agrícolas e melhores escolas para seus filhos entre outros.

Desde o início do processo de ocupação, o Rio Araguaia exerceu grande importância para o desenvolvimento da região, principalmente para o crescimento populacional, assim constituía-se a na principal via de acesso. Isto foi durante o período dos garimpos, a ocupação e o assentamento na área ocorreram às margens do rio Araguaia e seus afluentes, surgindo vários municípios, a exemplo de São Geraldo do Araguaia.

O município de São Geraldo pertencia a Conceição do Araguaia, na região de Redenção, sudeste do Estado do Pará, tem sua ocupação datada de 1953. Em pouco tempo formou-se a Vila São Geraldo, por aonde chegavam pessoas e mercadorias para abastecer não apenas a vila, mas toda a região. Na história local, afirma-se que o nome do povoado foi uma homenagem feita por um trabalhador extrativista ao Santo São Geraldo do Magela, em agradecimento pela cura de um filho.

Esta região onde se encontra São Gerado do Araguaia foi historicamente palco de diversos ciclos econômicos ligados, basicamente, a atividades extrativistas e ao Rio Araguaia. O garimpo na década de 50 se configurou como principal vetor de ocupação, seguido pelo ciclo da borracha (seringueiros) nas décadas de 60 e 70.

Tais agricultores que outrora trabalhavam em garimpo de cristal de rocha, com a decadência do garimpo, procuraram outras atividades para sobreviver tendo, muitos deles, se fixado na área para sobreviver do extrativismo vegetal,

principalmente da castanha-do-pará, daí passaram a procurar novas terras para morarem e tirar seus sustentos migrando para Serra dos Martírios, também chamada Serra das Andorinhas.

Dentro da desta localidade, está situada a Área de Proteção Ambiental Araguaia e do mesmo o Vale Sucupira e que é conhecido pelas suas belezas naturais, formadas por cachoeiras de águas cristalinas e uma exuberante diversidade de ecossistemas.

Também a Serra das Andorinhas é importância, no fator histórico-cultural, por abrigar centenas de cavernas e por ter sido o palco da Guerrilha do Araguaia. A área de 60 mil hectares, de relevo acidentado, mostra um local onde o cerrado brasileiro se encontra com a floresta Amazônica, revelando-se como uma das regiões ricas do país em termos de diversidade biológica. O Parque Estadual da Serra dos Martírios/Andorinhas (PESAM) está amparo legalmente na Lei de nº 5.982, de 25 de julho de 1996.

O ambiente da região Sucupira é bem variado, onde podemos visualizar que existem dois biomas: o Cerrado e a Floresta Atlântica, contendo uma biodiversidade de seres vivos como: pássaros, animais silvestres, árvores frutíferas, plantas medicinais, insetos, entres outros. Sem duvida a biodiversidade aqui do Vale Sucupira é um elemento muito importante na solidificação do território da Serra das Andorinhas, pois, a uma relação muito visível entre a natureza e os que habitantes aqui, onde, juntam a cultura e a economia existente destes povos.

Diante de seu aprendizado, a maioria dos moradores adultos, jovens e crianças compreendem e faz uso de remédios caseiros com as ervas medicinais, que existem em grande quantidade, no Vale Sucupira, medicamentos estes para combater: gripes, febre, dor de dente, dores no fígado entre outros sintomas.

Sabemos que cultivar remédios de plantas medicinais é milenar e que estes mesmos sujeitos que tem um conhecimento sobre a caracterização do ambiente natural, tem um diagnostico prévios de doenças, identificação de plantas medicinais, coleta, e até preparo de remédios. Observa-se também que muitos destes moradores não comercializam este tipo de serviço prestado a comunidade.

O PESAM objetiva preservar os ecossistemas naturais englobados, as belezas cênicas, e de acordo com os levantamentos gerais, que se catalogam em onze estruturas ruiformes, vinte e seis cavernas, trinta e seis grutas, uma fenda, uma dolina, oitenta sítios arqueológicos, cento e cinqüenta pinturas rupestres e mais

de cinco mil gravuras rupestres com idade estimada em 8.300, vinte e oito cachoeiras, mais de quinhentas espécies herbáceas e arbustivas, mais de cento e cinquenta espécies arbóreas, oitenta espécies de orquídeas, trinta e oito espécies medicinais e aproximadamente 532 espécies de aves, mamíferos, répteis, anfíbios e peixes.

A Serra também foi palco da “guerrilha do Araguaia”. Pretende-se conciliar a proteção integral com a utilização para fins científicos, culturais, educacionais recreativos e turísticos.

É possível constatar a beleza do local, como a natureza é extremamente perfeita em sua criação, as águas que correm nas pedras são transparente. É fascinante observar como muda os ecossistemas da região, porque ao atravessarmos a mata densa, encontramos um enorme espaço aberto que dão impressão ter sido desmatado pelo homem, as árvores tem um aspecto seco e são de pequeno porte, são os campos de cerrados.

O conhecimento desenvolvido por essas populações a respeito dos recursos da biodiversidade é rico e extenso, porém, em geral, pouco valorizado, apesar de ser de grande importância para o uso sustentável dos recursos naturais. Quando as escolas do APA araguaia, em especial a escola Wildemberg de Oliveira Assis, compreender qual é a importância da Educação Ambiental, o conjunto de processos pelos quais os indivíduos e a coletividade se apropriam dos conhecimentos necessários sobre o espaço em que vivem e sobre os meios para melhorá-lo, desde o presente, preservando-o para as futuras gerações.

O objetivo fundamental da Educação Ambiental no Parque é subjetivar mudanças de comportamento na sociedade: os indivíduos devem construir, enquanto grupo social, valores, novos conhecimentos, atitudes e habilidades indispensáveis para a conservação do meio ambiente, patrimônio coletivo essencial para a vida saudável e para a construção de uma sociedade auto-sustentável. Não adianta colocar um policial atrás de cada pessoa para que ela não jogue papel no chão, não solte balão, não jogue pilhas na rua, não corte árvores, não capture pássaros silvestres. O grande desafio é mudar as mentalidades, cultivar novos valores, o que depende da educação ambiental.

Com base no Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (IDESP), podemos afirmar que a extração da madeira, iniciada tanto pela implantação de projetos governamentais de assentamentos como pela infraestrutura viária, se desenvolveu com a presença de madeireiros legais ou ilegais, que passaram a ocupar a área, ampliando sua ação a partir da década de 70. Em paralelo iniciou-se a exploração extensiva da agropecuária (gado de corte), que até os dias de hoje caracteriza a forma de assentamento do homem na região.

Neste mesmo período, o Sr. João Rego Maranhão construiu um barracão próximo à foz do rio Xambioá, na margem esquerda do Araguaia, para comprar castanha-do-pará e arroz dos pequenos agricultores estabelecidos naquela área. Tais agricultores que outrora trabalhavam em garimpo de cristal de rocha, as margens do Rio Araguaia, nas proximidades serranas, com a decadência do garimpo, procuraram outras atividades para sobreviver tendo, muitos deles, se fixado na área para sobreviver do extrativismo vegetal, principalmente da castanha-do-pará.

Conforme a divulgação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na década em que a população do Brasil aumentou a uma taxa anual de 1,6% ao ano, quase um terço (27,2%) dos 5.507 municípios brasileiros seguiu tendência contrária e diminuiu de tamanho entre 1991 e 2000. A análise do perfil dessas cidades que perderam moradores no período entre os censos de 1991 e 2000 mostra que a população brasileira migrou na década de 90, em busca de cidades com melhores indicadores sociais, o que retrata a situação de São Geraldo do Araguaia.

Este modelo de uso do solo favoreceu a concentração fundiária e fez de São Geraldo do Araguaia um dos principais produtores de gado de toda a região sul do Pará. Em contrapartida, diminuiu a produção agrícola e o extrativismo, uma vez que passou a ocupar áreas antes utilizadas por essas atividades.

O principal problema gerado com a expansão da atividade pecuária diz respeito ao avanço no desmatamento da vegetação nativa, além do aumento nas queimadas, ocasionados com o intuito de preparar o solo para receber o pasto.

No APA Araguaia, os moradores providos de uma riqueza de plantas medicinais e frutos como o pequi, o bacuri, o bruto da quaresma, o pulsar, a goiabinha, murici, a castanha do Pará, a pitomba entre outras, fazem uso na

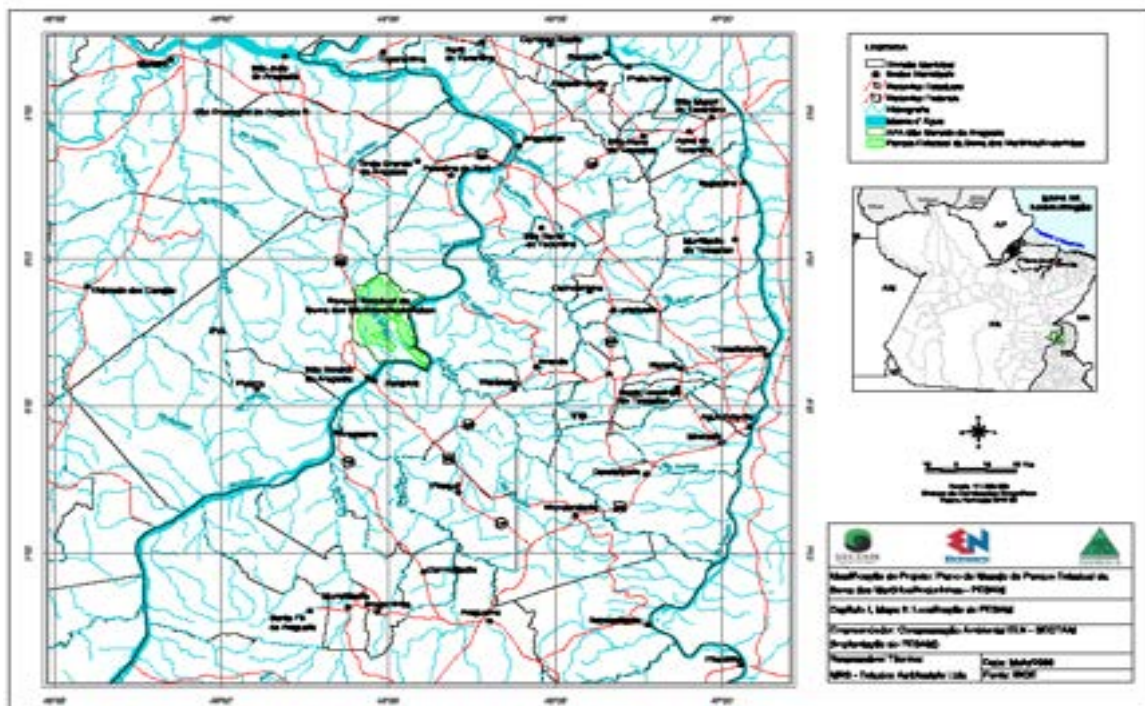
alimentação cotidiana, também extraem óleos, fazem doces e compotas. Assim praticam o extrativismo de forma correta, porém de forma simples.

Eles plantam de tudo, há plantio de mandioca para produção de farinha, de forma artesanal, nos períodos de seca, que vão de abril a novembro, e roça de milho e feijão no período de chuva, e plantam outros mais como: arroz, batata, inhame, fava e além disso os moradores criam animais como ovelha, bode, galinha, porco, pato entre outros. Tudo o que produzem é para o consumo quando têm excedentes vendem em suas casas ou levam para a cidade de São Geraldo para serem vendidos juntamente com algumas frutas, na feira livre do Município.

Apesar de produzirem alimentos algumas famílias têm uma renda extra em dinheiro, que é a bolsa família cujo valor varia de 90 a 100 reais e que ajuda na complementação das despesas da casa. Estas famílias afirmam que esta ajuda do governo é muito bem vinda (em média três crianças recebem na casa).

No interior do Parque Estadual da Serra dos Martírios/Andorinhas- PESAM foram identificadas várias comunidades como:

Moradores da *região da Casa de Pedra*: local onde ocorre a Festa do Divino todos os anos, que fica no alto da Serra das Andorinhas, é habitado há cerca de mais 30 anos por moradores tradicionais, tais como Sr. Antônio Preto, que reside no local há mais 24 anos e Sr. Raimundo Estevão Martins, morador da serra há mais 23 anos, ocupa áreas com tamanho médio de 20 hectares, os moradores afirmam que a serra é o melhor lugar para se viver. Também esta composta pelo *PA Tira Caatinga* (parte do assentamento), e a *Comunidade Santa Cruz* a margem do Rio Araguaia. Mapa abaixo mostra uma vista ampla da Serra das Andorinhas:



Fonte: SEMA (Plano de Manejo da Serra das Andorinhas)

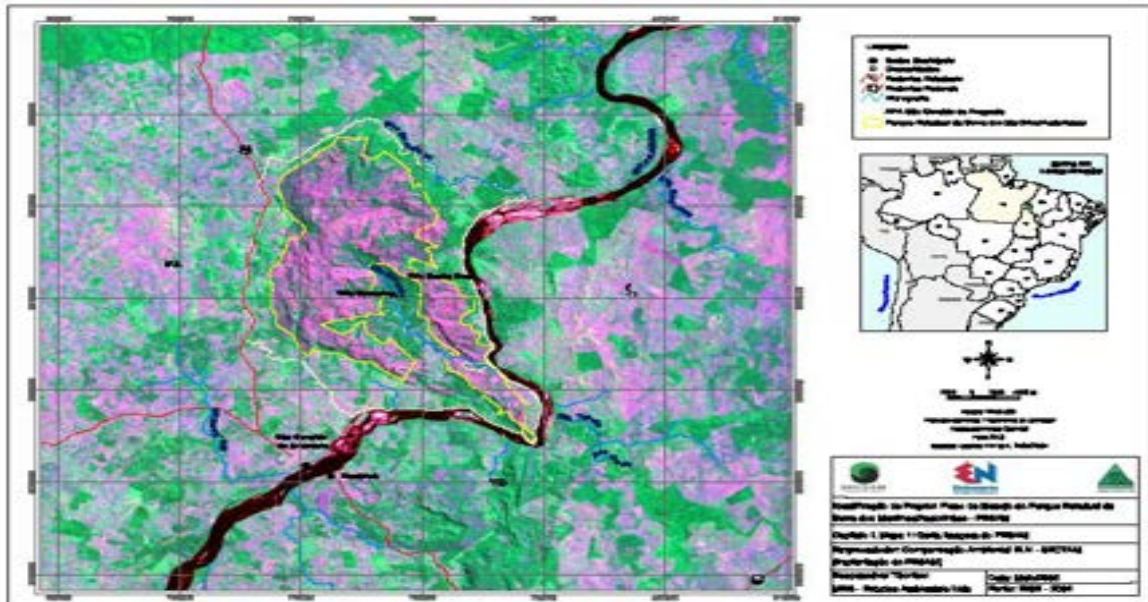
O ambiente da região sucupira é bem variado, onde podemos visualizar que existem dois biomas: o cerrado e a floresta amazônica, contendo uma diversidade de seres vivos como pássaros, animais silvestres, árvores frutíferas, plantas medicinais, insetos entre outros. Tendo em vista que a biodiversidade do Vale Sucupira é um elemento importante para a conservação do território da Serra das Andorinhas, pois, há uma relação muito sólida entre a natureza e os que habitam no local englobando a cultura e a economia desses povos.

Compreende-se que a biodiversidade do cerrado nos seus aspectos culturais tem um papel muito importante no envolvimento da autogestão de seus recursos naturais, pois o ser humano está interligado com a natureza que o envolve, sempre está à procura de algo dentro dela.

As residências da Vila Sucupira estão organizadas de forma espaçada, de modo que algumas delas se localizam dentro da Serra das Andorinhas, portanto na área do PESAM. O padrão construtivo das residências é variado, sendo possível verificar casas de alvenaria, madeira, palha de babaçu e pau-a-pique.

A organização comunitária é esporádica, porém existe presença de liderança partidária, por exemplo, do Sr. Francisco Oliveira Neto, conhecido também como “Neto da Serra”. (Hoje é vereador eleito da região). Uma Associação de Moradores e

Produtores da Serra das Andorinhas. Há uma agente do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) que atende toda a vila.



Fonte: SEMA (Plano de Manejo da Serra das Andorinhas.)

A *Vila Sucupira* ganhou este nome por causa de uma árvore chamada sucupira que na região na época tinha muitas. Esta Vila foi fundada na década de 1975, de forma passiva, pelos seguintes ocupantes: Augustino, Gonçalo, João Roxo e Joaquim e ali, às margens da Serra das Andorinhas instalaram-se. Vindo logo após novos moradores. Hoje em média possui aproximadamente cerca de 80 famílias residentes.

O acesso é por via carro ou moto, as estradas são precárias no interior do Vale Sucupira existem duas escolas de ensino fundamental, a Wildemberg de Oliveira Assis, onde foi feita esta pesquisa. A escola recebeu este nome por causa do coordenador da região o senhor Wildemberg, ele coordenava a Fundação Serra das Andorinhas e como ele era muito dedicado a escola, os moradores da região e vários vereadores amigos de Wildemberg resolveram o homenagear colocando o seu nome na escola da vila. Wildemberg faleceu ainda jovem de parada cardíaca em uma partida de futebol com os amigos.

Antes a escola chamava-se Carlos Chagas, o primeiro professor foi um rapaz chamado Pedro Sucupira, depois foi Raimundo Cró e o terceiro foi Neto da Serra, hoje vereador da cidade de São Geraldo. A escola atende um público de 70 educandos matriculados. A escola Wildemberg de Oliveira Assis se estabelece como

“escola isolada”, (termo usado para as escolas que não tem diretor ou um acompanhamento pedagógico) apesar de ser composta por três salas de aula, ela funciona como anexo de outra escola na cidade e que é válido para as outras escolas do campo do município de São Geraldo.

Mesmo sendo oficialmente uma unidade educacional independente, a escola desde sua criação até o presente momento possui um único técnico administrativo-pedagógico (supervisor) que faz um acompanhamento às vezes mensal. E que as outras atividades administrativas e pedagógicas são desenvolvidas pelos educadores que atuam como responsáveis pela escola.

A escola ainda não possui Projeto Político Pedagógico e todo o processo pedagógico se dá organizado a partir de um plano de trabalho que é elaborado pelos próprios professores. No plano de ação que é desenvolvido durante o ano constam metas e objetivos que são pretendidos durante o ano pela escola no que se refere à aprendizagem dos educandos.

II.II - CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO: INFRA-ESTRUTURA E RECURSOS MATERIAIS DA ESCOLA WILDEMBERG DE O. ASSIS

Em se tratando das estruturas físicas da escola, ela funciona num espaço próprio, cedido pela comunidade, em um prédio de tijolos sendo um prédio construído pela prefeitura. A escola tem piso de cerâmica, abriga três salas de aula, sendo que o espaço comporta 38 carteiras (cada sala), competindo com outros objetos, como o filtro de água, mesa do professor, cantinho da leitura também tem dois banheiros, uma cantina que tem um freezer, um fogão, uma mesa e tambores para guardar alimentos. Na mesma tem uma mini biblioteca, poço boca larga pertencente à escola, a água é filtrada e incolor, também tem caixa d'água. As atividades noturnas ficam difíceis por que a luz elétrica do lugar é à base de motor a diesel e o seu fornecimento não é freqüente. Lá funciona a oferta de 1º ao 7º ano, realizados em dois turnos, um pela manhã e outro à tarde.

O esgoto é destinado a um reservatório, a água que utilizada na cozinha é jogada aos arredores da escola. O lixo produzido é queimado, porém fica muitas vezes acumulo de lixo no pátio da escola.

Com relação aos profissionais que atuam na escola atualmente, ela conta com quatro funcionários sendo duas merendeiras (que trabalham de forma

alternada), e dois educadores, concursados e moram na comunidade. Com relação à formação dos profissionais que atuam na escola, uma merendeira cursou até o 6º ano, e a outra, 7º ano do ensino fundamental. Em relação aos educadores um tem Pedagogia e o outro está cursando Matemática.

II. III - DADOS DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLA

Educadores	Auxiliar de Serviços Gerais
Pedagogia Magistério	7º ano do Ensino Fundamental 6º ano do Ensino Fundamental

Tabela 1: Escolaridade dos profissionais que lecionam na escola Wildenberg:

Função	Sexo	Faixa- Etária	Condição profissional
01 Educadora	F	36 anos	Concursada
01 Educador	M	31 anos	Concursado
01 Merendeira (I)	F	53 anos	Concursada
01 Merendeira (II)	F	45 anos	Concursada

Tabela 2: Ocupação por Gênero, Faixa-Etária e Condição profissional

	Tempo serviço	Local de moradia
Educadora	07 anos	Comunidade
Educador	02 anos	Comunidade
Merendeira (I)	07 anos	Comunidade
Merendeira (II)	05 anos	Comunidade

Tabela 3: Tempo de Serviço na Comunidade e Local de Moradia

No quadro profissional é visível a ausência de pessoas para atuarem no cotidiano da escola. Isso é demonstrado quando só dois profissionais realizam diversas funções que vão para além de suas formações, atuando em varias áreas do conhecimento. Há a necessidade de políticas públicas específicas que tais políticas sejam realmente efetivadas já que em sua maioria ainda continuam só no formulário.

Contudo, por mais que o campo possa ser um espaço onde possui diversas possibilidades de se trabalhar com informações concretas da vida dos educandos a ausência de alguns recursos didáticos que venham fortalecer essas tarefas na maioria das vezes falta e quando tem não é suficiente.

Ao abordarmos sobre as dificuldades em relação às condições de trabalho em consequência da infra-estrutura essas não são de exclusividade dos professores do Vale Sucupira, mas outros profissionais compartilham isso no município de São Geraldo.



Escola Wildemberg de Oliveira Assis, Vale Sucupira.
Fonte: Margarete Ferro

Tendo em vista os diversos desafios encontrados na escola Wildemberg os educadores e merendeiras trabalham com determinação, esforço e compromisso. Um aspecto que pode ter colaborado para essa postura profissional é a relação com a comunidade, e com contexto campo.

II. IV - ELEMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados da pesquisa foram coletados no município de São Geraldo do Araguaia na região Serra das Andorinhas/Martírios, durante o período das aulas na escola Wildemberg de Oliveira Assis e em visitas aos moradores da Vila Sucupira. Busquei trabalhar com elementos que se aproximam da abordagem quantitativa de pesquisa, tendo como método o estudo de caso. Quanto o instrumento de coleta de dados, utilizei perguntas, que foram coletadas através de gravador, a qual foi realizada com pessoas da comunidade entre elas: pais, educandos, moradores da vila Sucupira.

A coleta foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Wildemberg de Oliveira Assis, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu durante o período das aulas na escola e em visitas aos moradores da Vila Sucupira.

O trabalho foi realizado com base na análise de entrevista realizada com 17 pessoas, busquei trabalhar com elementos que se aproximam da abordagem qualitativa de pesquisa, tendo como método pesquisa qualitativa, e como recurso gravador portátil que facilitou o desenvolvimento da pesquisa, totalizando 47 minutos e 20 segundos de gravação, sendo integralmente transcritas e que se encontram em anexos no final deste trabalho.

Para o cumprimento desta pesquisa, os aspectos metodológicos abordados foram concentrados de acordo com os passos necessários para construção de uma análise. O primeiro momento correspondeu à construção das perguntas juntamente com o orientador, para verificar as práticas dos educandos, educadores e pais, sobre a Educação Ambiental existente na Serra das Andorinhas, no segundo momento a coleta de dados para a análise e por fim, sistematização dos dados coletados.

As técnicas para coleta de dados foram às seguintes: no convívio com a comunidade escolar fiz um esclarecimento sobre a elaboração de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) onde os estágios didáticos que iria fazer eram para atender às exigências formativas do curso de Pedagogia do Campo e que também era sobre o Vale Sucupira, pondo em evidência a importância do mesmo como conteúdo na escola.

No desenvolvimento desta formação, tais estágios de campo possibilitaram uma construção de parceria entre a comunidade e a pesquisadora, o que possibilitou estabelecer uma imediação e inserção da mesma no convívio da comunidade, assim foi esclarecido à importância deste trabalho para mim e para a própria comunidade em geral.

Em seguida foi feito o questionamento para as crianças, abordando o entendimento sobre o meio ambiente, visando-se a instigar a sua autocrítica sobre a educação ambiental. Para realizar esta pesquisa, procurei trabalhar com as informações coletadas de forma a manter o anonimato dos entrevistados no estabelecimento escolar mencionado, por meio da utilização das letras iniciais dos nomes dos entrevistados para não identificar diretamente as pessoas que forneceram informações.

Portanto, se objetivou nesta pesquisa com os professores de 1º ao 7º ano do Ensino Fundamental da escola Wildenberg de Oliveira Assis, sendo eles os agentes que forneceram as principais informações para o desenvolvimento deste trabalho, com dados referentes ao tema da importância do Parque Estadual Serra das Andorinhas como currículo escolar. Diante da situação ambiental da comunidade, e pelo fato desta área de conservação estar localizado nas proximidades da escola, a partir de temáticas interdisciplinares, foi elaborada uma pergunta diretamente para os educadores, aonde vem confrontar seu conhecimento teórico e sua prática em sala de aula.

A pesquisa foi realizada em uma única etapa, porém desenvolvida em dias contínuos, até que se pudessem entrevistar os educandos, os pais e os educadores, quantidade esta que estimou representativamente para se alcançar os resultados pretendidos. Por atuar e residir na localidade, não foi difícil para nós realizarmos este trabalho, pois, a convivência cotidiana no local contribuiu para um bom desenvolvimento da pesquisa, além de já termos realizado outros trabalhos pedagógicos nessa mesma escola.

Em relação a presente pesquisa, essa situação também possibilitou que se debatesse o tema de estudos no âmbito da própria escola, permitindo que se conhecesse, discutisse e refletisse sobre as questões elaboradas para a entrevista, que gerou discussões sobre a importância social e ambiental do Parque Estadual Serra das Andorinhas, tendo em vista uma perspectiva de educação ambiental, tendo como princípio a valorização do Parque e tudo o que está dentro dele. Sendo

assim, a pesquisa serviu também como um instrumento de reflexão na escola sobre as possibilidades de se tomar a área de conservação como objeto de valorização da realidade local no âmbito dos conteúdos curriculares trabalhados na escola.

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo qualitativo, de modo que o método utilizado estivesse de acordo com os objetivos que se pretende alcançar. Assim, pude perceber que, no desenvolver da pesquisa os relatos afirmam a importância da educação ambiental na prática educativa desses educadores, educandos e pais. Observando-se há uma valorização ou não do Parque Estadual da Serra das Andorinhas como elementos trabalhados no espaço escolar em relação à educação ambiental.

Portanto, ao longo deste trabalho, tenta-se fazer uma discussão sobre a educação ambiental a partir dos princípios da educação do campo, buscando sempre refletir criticamente sobre a realidade pesquisada e sua interação com o meio ambiente, tendo em vista os elos da educação, tanto a ambiental como o do campo tem como base o pensamento crítico transformador, em qualquer tempo e lugar, em seu modo formal, não formal e informal, buscando promover a mudança e a edificação da sociedade a partir de elementos críticos e reflexivos sobre a atual situação da problemática socioambiental no país.

Essa forma de discussão relacionando Educação Ambiental e Educação do Campo tem o objetivo de estimular um desenvolvimento intelectual crítico. A Região da Serra das Andorinhas é uma região em que existe uma grande concentração de florestas nativas, assim, percebe-se a importância de estar refletindo sobre essa situação, em especial sobre a importância do Parque Estadual Serra das Andorinhas no âmbito da comunidade estudada, o que nos propicia criar possibilidades que busquem sensibilizar e formar cidadãos com uma visão diferenciada e crítica sobre uma temática que pode ser acentuado, tanto para sua vida como para toda a comunidade, que poderá sofrer as conseqüências de formas de produção que não levem em conta as complexas questões ambientais regionais.

II.V - EM BUSCA DE DIÁLOGO SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO VERSUS RURAL

Durante as últimas décadas tem prevalecido na sociedade brasileira uma visão de desenvolvimento que considera o espaço rural como o espaço atrasado, inferior, arcaico. Ao mesmo tempo, projeta-se a cidade como o lugar da modernidade e do progresso. Essa visão de modernidade voltada para as cidades, sustentou a implementação de um modelo de desenvolvimento agrícola baseado em extensas áreas de monocultura, cultivadas com a utilização intensa de insumos químicos e mecânicos, sobre grandes concentrações fundiárias.

Esse modelo de agricultura expulsou, nas últimas décadas, mais de trinta milhões de pessoas do campo. Como um dos principais resultados da luta pela desconcentração fundiária, trabalhadores rurais têm conquistado também a desconcentração do conhecimento.

Parte desta conquista concretizou-se na criação do PRONERA, na construção da Articulação Nacional por uma Educação do Campo entre outras organizações sociais educacionais.

Esta ação das organizações sociais do campo foi responsável pela ampliação do debate da questão agrária, incorporando a ele definitivamente mais um tema: a Educação do Campo, construindo também com esta área um novo espaço de produção do conhecimento, cujo marca principal é a interdisciplinaridade.

Para pregar as raízes de uma educação popular do campo que possibilite superar a situação precária da educação existente atualmente nessa área torna-se necessário formar educadores para superar tal quadro e para garantir que os princípios da educação defendida pelo movimento se fortaleçam.

Porém, é necessário focar essa formação em conhecimentos e competências baseadas nos saberes das comunidades camponesas intervenção de forma crítica e participativa na reorganização da comunidade e de suas unidades produtivas. Profissionais da educação formados com base nos referenciais teóricos da educação que os movimentos sociais do campo vêm definindo, reunindo um conhecimento científico para atuação no campo visando um desenvolvimento auto-sustentável.

Os movimentos sociais do campo incluem em suas reivindicações uma política permanente de valorização que inclui desde uma formação específica para educadoras e educadores do campo baseada na realidade por eles vivida.

A partir do PRONERA várias universidades vêm realizando cursos de formação de professores e professoras para os assentamentos da reforma agrária. Os cursos são marcados por alguns traços específicos em relação aos cursos regulares. Desde o público a quem atende até à definição da estrutura e do funcionamento. Seus currículos, são identificados com as idéias defendidas pelos movimentos sociais do campo. A definição curricular tem como uma das preocupações centrais a adequação dos conteúdos às especificidades dos participantes, dos movimentos sociais, do contexto do campo e com as particularidades regionais, como mostra a avaliação realizada com os cursos do PRONERA.

Os sujeitos que participam são reconhecidos como parte de uma identidade coletiva, participante de um projeto coletivo no espaço da Universidade. São trabalhadores pobres do campo, desprovidos do acesso ao ensino superior, alvos de múltiplas exclusões, de discriminação e de dominação.

Um dos destaques é a presença marcante da concepção de educação de Paulo Freire especialmente com a metodologia, pois reflete a experiência de construção coletiva a partir das nossas vivências cotidianas e uns com os outros, no âmbito da escola a gestão compartilhada que permeia o trabalho, nas diversas etapas e processos organizativos, desde o planejamento até vivência da sala de aula, com a participação ativa de educadores e educandos.

A educação voltada para o campo além de se incluir a reforma agrária como conteúdo curricular, possibilita repensar a formação docente, as relações de poder entre educador e educando, campo e cidade a troca de conhecimentos, em lugar do domínio do conhecimento por parte dos professores.

Assim, os movimentos sociais do campo com o seu capricho e perseverança têm, a partir da mobilização popular, da articulação dos setores populares organizados da sociedade, reivindicando afirmando, sistematizando e exigindo que o estado programe projetos educacionais identificados com as idéias e concepções por eles produzidas. Anseios das classes populares, com o perfil por eles delineado. Uma educação Popular com os pés plantados na terra, com a cara dos sujeitos da terra.

Na comunidade Vale Sucupira, a educação do campo vem sendo inserida aos poucos, ainda desconhece suas histórias de vida como parte importante para a história do campesinato ponto de partida para novos conhecimentos. No entanto já existem propostas pedagógicas, na região, com trabalhos educacionais em sala de aula voltada para as pesquisas de campo, sugeridas pelo curso de Pedagogia do Campo. Isso é uma conquista dos movimentos sociais dos camponeses, tendo em vista a valorização dos habitantes com parte de um conhecimento especial e único na comunidade.

O esclarecimento e a valorização dos povos que nela vivem, respeitando suas diversidades, entendendo que a educação deve estar comprometida com a liberdade merecida deste povo. Opinamos fortalecer a cultura e os valores da comunidade e região circunvizinha campesina junto a projeto de desenvolvimento auto-sustentável.

Propõe outro olhar sobre o papel do campo na economia e na educação de forma sociável, e que se percebam multiplicadores de suas próprias experiências e olhe para a terra como instrumento de democratização e aprendizagem.

A educação do campo só se materializa mediante a imaginação, pesquisa e a ação. Na medida em que a educação do campo vai se afirmando na comunidade, na secretaria regional, na coordenadoria e outros órgãos do governo, pondo em questão as particularidades dos moradores da Vila, determinando as práticas e reflexões já desenvolvidas no local, terá mais respaldo entre os profissionais da área de atuação camponesa e urbano.

II.VIII - IMAGINANDO UMA NOVA HUMANIDADE NAS ESCOLAS DOS ASSENTAMENTOS

A educação, como educação rural, nos assentamentos ainda, persiste por falta de informações sobre a identificação da educação do/no campo e o respeito ao saberes social. É comum, as Secretarias de Educação determinarem e adaptarem os currículos, os calendários e outros aspectos do ensino rural às necessidades e particularidades das copias urbanas contrariando o que diz a lei, que em 11 de agosto de 1971, é sancionada a Lei nº. 5.692, que fixam diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º grau e dão outras providências, porém isso ainda vem ficando

somente nos papeis, pouco se compre o que é determinado na lei (Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo - p.27).

A educação rural nos assentamentos destaca a falta de escolas para atender a todas as crianças, jovens e adultos; a existência de muitos jovens fora da sala de aula; falta de infra-estrutura nas escolas; importância dos seus participantes; continuação dos altos índices de analfabetismo; educadores sem a formação necessária; falta de uma política de valorização do magistério (plano de cargos e salário); falta de uma política de financiamento (bolsas); a falta ou transporte escolar impróprio para os educandos; desajustamento dos calendários escolares; currículos descontextualizados e desarticulados das necessidades e das questões do campo.

Essas e outras questões têm mobilizado os movimentos sociais do campesinato em proposta de reivindicações que visam implantar uma política de educação de qualidade e específica para as realidades do campo.

Constatam-se as desigualdades apresentadas na realidade do campo onde a educação é bastante precária, destacando-se o grande número de Jovens, adolescentes e adultos não alfabetizados e poucos alfabetizados. O baixo aproveitamento de uma grande parcela de educandos que freqüentam a escola na zona rural e que conseguiram chegar à 4ª série do ensino fundamental às vezes, por não ter o ensino fundamental maior na comunidade, ou não ter professores para a continuação do ensino, porque a maioria não quer atuar no campo e os que vão dar aulas são professores leigos de outras localidades urbanas, somando que o modelo de ensino desenvolvido é urbano e isso dificulta mais ainda o aprendizado da comunidade campesina.

Entre esses educandos tem-se uma aprendizagem muito difícil. Percebe-se isso na disciplina de Língua Portuguesa, pelo fato de que a maioria dos educandos não consegue ler e nem escrever corretamente por causa do mau desenvolvimento escolar.

Só existe aprendizado de fato quando há interesse por parte do educador e do educando, desenvolvendo atividades e propostas de acordo com a realidade dos sujeitos não dispensando à importante história de vida de cada um na comunidade. Como afirma Freire:

“Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não podem educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não

ama não compreende o próximo, não o respeita. Nada se pode temer a educação quando se ama”. (FREIRE, 1979, p. 29).

A remuneração dos professores das áreas rurais é bem inferior àquela das/os docentes que lecionam em escolas urbanas. Os professores que atuam no ensino fundamental, em exercício na área rural, recebem praticamente a metade do salário dos que atuam na área urbana.

As expectativas da educação do campo são alcançadas quando os movimentos sociais do campo com seus parceiros (associação de moradores, sindicatos dos trabalhadores rurais, FETRAGRI, entre outros) se organizam, para propor e reivindicar do poder público, uma política de educação para os povos que vivem no e do campo, na perspectiva de superar os ensinamentos anteriores, que foram idealizados para a cidade e implantados no campo contendo padrão de desenvolvimento urbano, comercial e capitalista e com a uma estrutura agrária que usa a terra apenas como instrumento de exploração, subordinado ao modelo de acumulação do capital.

Esse movimento define princípios que diferenciem a educação do campo como expressão dos povos que nele vivem respeitando suas diversidades. Percebe que a educação este a liberdade merecida, que fortaleça a cultura e os valores das comunidades camponesas e que esteja vinculada ao seu projeto de desenvolvimento auto-sustentável. Propõe outro olhar sobre o papel do campo na economia em uma qualidade sociável, vê a terra como instrumento de democratização da sociedade brasileira.

Nesse sentido, reivindicam que a educação do campo tenha identidade própria, que seja envolvida com os desafios, a história de vida e a cultura dos povos que vivem nesses espaços comunitários. Um dos subsídios da identidade da educação é o respeito ao saber social.

A educação idealizada pelo movimento social do campo deve assumir um compromisso coletivo com uma visão de campo, como um lugar de vida, cultura, produção, moradia, educação, lazer, segundo Molina:

“É preciso pensar também que tratar do direito universal à educação é mais do que tratar da presença de todas as pessoas na escola; é passar a olhar para o jeito de educar quem é sujeito deste direito, de modo a construir uma qualidade de educação que forme as pessoas

como *sujeitas de direitos*, capazes de fazer a luta permanente pela sua conquista”. (MOLINA, p. 27 - 2004)

Portanto a educação deve estimular o cuidado com o conjunto da natureza; deve impulsionar a criação de novas relações solidárias que respeitem a especificidade social, étnica, cultural e ambiental dos seus sujeitos. Essa preocupação com a natureza e o ambiente é outra visão de particularidade da educação do campo, que vê a educação ambiental como parte da própria experiência de vida, portanto deve estar presente em todos os espaços da vida e da escola e não apenas como tema atravessado na educação do campo, incluído por um acaso no calendário escolar.

Quando o professor trabalha individualmente na escola há poucas chances de se organizar de forma avaliativa e progressiva. Como se o campo educacional fosse uma sala fechada para os outros campos da vida cotidiana dos que estão envolvidos no âmbito escolar.

“Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e serem educados pelos educandos; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe.” (FREIRE, 2008, p.27).

Experimentar uma construção coletiva, mudar à gestão, compartilhar e repassar o trabalho, nas diversas etapas é um processo organizativo, desde o planejamento até vivência de sala de aula e fora dela, com a participação ativa de educadores e educandos. Além disso, buscar difundir uma visão do campo que na perspectiva dos movimentos sociais deve ser entendido como espaço de vida, de produção, de cultura e de lazer. A avaliação dos Educandos e educandas é positiva, quanto ao processo ensino aprendizagem.

Na comunidade Vale Sucupira, a forma de trabalhar dos professores é individualmente, pois acham que é melhor cada um fazer o que lhes pertencem. De uma forma que é difícil a comunicação entre todos, por mais que tenha reuniões, oficinas ou palestra. Com tudo, esta ausência de uma formação continuada e um acompanhamento pedagógico na escola Wildemberg desperta a necessidade de novas formas de educação significativa envolvendo todos, valorizando suas histórias de vidas e se sentir parte deste contexto também.

CAP III - EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: Contribuição ou Desafio?

A educação ambiental (EA) vem sendo incorporada como uma prática inovadora em diferentes âmbitos. Somos sabedores, que existem diversos documentos governamentais que regulamenta a implantação dessa prática educacional em nossas escolas. Com parecer 266/87 de 11 de março de 1987 (MEC), que indica como caráter interdisciplinar da Educação Ambiental e recomenda sua realização em todos os níveis de ensino (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação superior e educação especial). Mas só em anos depois se tornou obrigatório com a promulgação da Política Nacional da Educação Ambiental, para todos os níveis e modalidades de ensino, de acordo com a Lei nº 9795 de 27 de abril de 1999

Todavia, a prática da Educação Ambiental precisa estar interligada com todas as disciplinas regulares de um currículo, como prevê o documento que trata dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Que seja desenvolvida na escola como tema transversal, que veio à tona em consonância com o a (nova) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Deste modo, a escola ao propor o desenvolvimento do currículo escolar voltado para a questão ambiental, deve proporcionar a participação de todos no processo de sua construção e execução, tendo os alunos como sujeitos do processo. Os conteúdos precisam ser revistos para que os mesmos estejam presentes em todas as disciplinas de forma interdisciplinar.

Para melhor entender, dizemos que os temas transversais não constituem novas áreas, mas antes um conjunto de temas que aparecem transversalmente em todas as áreas convencionais. Cabe ressaltar que como o conjunto dos temas transversais emerge assim a discussão da necessidade da escola cumprir sua função social. Ao serem incluídos, os temas transversais, possibilitam que as questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, onde objetiva-se formar indivíduos que olhem e vejam a realidade, que compreendam e tenham a capacidade para criticá-la, que se preocupem com o destino coletivo e saibam se posicionar diante dos desafios do mundo.

Na busca de contribuir na formação de cidadãos conscientes, deve-se desenvolver projetos comprometidos com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para assegurar a sua sustentabilidade.

Nesse sentido de acordo com Sato,

Há diferentes formas de incluir a temática ambiental nos currículos escolares, como atividades artísticas, experiências práticas, atividades fora da sala de aula, produção de materiais locais, projetos ou qualquer outra atividade que conduza os alunos a serem reconhecidos como agentes ativos no processo que norteia a política ambientalista. Cabe aos professores, por intermédio de prática interdisciplinar, proporem novas metodologias que favoreçam a implementação da Educação Ambiental, sempre considerando o ambiente imediato, relacionado a exemplos de problemas atualizados (SATO, 2002: 25).

A introdução dos temas transversais explicita a necessidade de se desenvolver um trabalho pedagógico sistemático e contínuo, não só nas séries iniciais e sim no decorrer de toda a escolaridade, e com isso a oportunidade de se incluir os saberes extra-escolares. Os trabalhos e conteúdos a serem desenvolvidos podem ser logicamente mencionados em qualquer área convencional, apenas compreende-se que há de se considerar a potencialidade e sua abrangência de acordo com as questões relacionadas às particularidades de cada realidade, ao nível cognitivo de cada educando, dentre outros fatores. Temos a afirmação de BRASIL, (1997:56) que: “a transversalidade possibilita ao professor desenvolver o trabalho com uma abordagem mais dinâmica e menos formalista”.

No entanto é importância pensar em Educação Ambiental e em tudo aquilo que ela propõe, porém devemos ressaltar que EA se faz necessária não só nos currículos escolares das escolas, mas também em todos os espaços de relações sociais. É preciso que nós adquiramos um novo pensamento, uma nova atitude diante do nosso mundo, pois ao contrário estaremos sujeitos a morrer pelas nossas próprias mãos.

III I - REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

A Educação Ambiental não é uma área de conhecimento isolado e nem nova, no Brasil, ela é uma complexa dimensão da educação, por grande diversidade

de teorias e práticas e que não pode ser entendida no singular. Muitas vezes o trabalho com as questões ambientais em contextos escolares abrevia-se a uma disciplina, o que contribui para simplificar a realidade. Tendem a reduzi-la a explicações destacada, mecanicistas, unidimensionais que impedem a compreensão da complexidade do ambiente do campo. (ZAKRZEVKI, 2007).

As questões ambientais não podem ser consideradas objeto de uma determinada disciplina, de modo isolado, mas designa o diálogo de saberes, por meio de varias ciências para o seu estudo, orientando o trabalho escolar. Podemos perceber, no estudo desta temática na escola, que precisamos contemplar a dimensão natural, mas também as questões sociais, políticas, econômicas, culturais, etc. O estudo das realidades ambientais e a busca de soluções apropriadas requerem a complementaridade e a sinergia de saberes de diferentes disciplinas científicas reconhecendo que nem sempre os saberes científicos são suficientes (ARROYO, 1991). “É preciso levar em conta as peculiaridades e necessidades dos educandos e educandas e a elas se adaptar nas metodologias, nos conteúdos e na organização do processo pedagógico.

Nota que estas discussões vêm acontecendo de várias maneiras, e por isso recebe-se alguns significados, sendo que o que se vincula são as práticas de preservação da natureza, atendendo aos critérios sócio-ambientais, ecológicos e éticos da educação, isso contribui para construção de novas formas de pensar, incluindo a compreensão do enredamento e das exibições e inter-relações entre os diversos subsistemas que compõe a realidade (MEDINA, 2008).

Com tal discussão, tenta-se mostrar a possibilidade de uma educação que se propõe promover processos capazes de adquirir o respeito à diversidade biológica, cultural e étnica, juntamente com o fortalecimento da resistência da sociedade a um modelo devastador das relações de seres humanos entre si e destes com o meio ambiente (MEC, 2007).

As temáticas aqui citadas são baseadas nas propostas educacionais de educação do campo, porque coincidem com as necessidades da educação básica do campo, nas quais se buscam propostas, metodologias e novas alternativas de aprendizagem que contribuam com a formação dos sujeitos do campo, individual e coletivamente, com esta aprendizagem se dá através das inter-relações que estes estabelecem o meio. Assim:

A escola do campo precisa estar inserida na realidade do meio, nos saberes da comunidade e nos movimentos sociais. Precisa ser uma escola que tenha a cara dos povos do campo. Que a terra seja um elemento chave, que a cultura, as lutas, a história do campo, seja ponto de partida para o trabalho em sala de aula. Então, não é qualquer escola, que fique apenas limitada a mundo das primeiras letras, ou com conteúdos que não contribua para a criança e o jovem do campo resgatar sua auto-estima de ser agricultor ou agricultora. Precisa então estar plantada no solo do campo e produzindo conhecimentos sobre a realidade que ajude as pessoas que nela vivem a transforma - lá. (DIRETRIZES OPERACIONAIS, 2001, pg. 13.)

A probabilidade de educação ambiental se vincula à da educação do campo, visto que ambas partem de um modo de ver o mundo no qual se evidenciam as inter-relações e a interdependência dos diversos subsídios na construção e conservação da vida real dos sujeitos. Uma Educação Ambiental crítica e emancipatória no campo podem contribuir para que os indivíduos se percebam como sujeitos ativos na apropriação e na elaboração do conhecimento, seja ele referente ao mundo natural ou ao cultural, e compreendam que são agentes de mudanças na realidade em que vive de modo responsável e solidário.

A Educação Ambiental que se pretende nas escolas do campo é aquela comprometida com o empoderamento do sujeito. Que todos possam ter voz e vez, busca a responsabilidade ambiental na construção de um mundo que valorize a diversidade biológica e a diferença cultural. Guimarães (2000, pg. 13), aponta que o ilimitado universo cultural se relaciona umbilicalmente com a inestimável riqueza biológica.

CAP IV - REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXISTENTE NO APA ARAGUAIA

Essa pesquisa se configura como uma abordagem qualitativa. Tendo referência às contribuições de André & Ludke (1986) partimos da compreensão de que essa abordagem de pesquisa com caráter qualitativo compõe de elementos básicos como: o ambiente natural como fonte direta na coleta dos dados e aproximação do pesquisador com o objeto ou situação em estudo por um intenso período de vivência. Outro aspecto relevante também no estudo é por considerar a coleta das informações como uma atividade puramente descritiva privilegiando dados que valoriza detalhes das situações assim possibilitando uma maior compreensão da realidade estudada.

Esse trabalho procura identificar as práticas de educação ambiental (EA) existentes na comunidade Vale Sucupira, assim, o intuito de constatar as práticas em Educação Ambiental e qual a visão dos educadores, do ensino fundamental (de 1º a 7º ano), os educandos e a comunidade local.

Frente à diversidade de fatores que compõe o universo da pesquisa, a abordagem qualitativa destaca também, segundo Lüdke e André (1986, p. 11-12), a importância de o pesquisador desenvolver a capacidade de interação com os sujeitos pesquisados, visando um melhor entendimento e conseqüentemente, coletar um maior número de elementos presentes na situação e local estudado.

Assim, a técnica empregada na coleta dos dados baseou-se na realização de entrevistas semi-estruturadas, um instrumento da abordagem qualitativa que de acordo com Ludke e André (1986, p. 33-34), possibilita ao entrevistado fazer suas colocações e adaptações de forma mais aberta e flexível, pois: "(...) na entrevista a relação que se cria é de interação, (...) ela permite a captação imediata e coerente das informações".

Ainda no âmbito da abordagem qualitativa, associada à técnica de entrevistas foram realizadas observações e conversas informais com os educandos, educadores e comunidade. Nesse convívio, foi possível constatar as aspirações e perspectivas dos educadores quanto à EA, como ainda conhecer de perto a realidade em que inserem as práticas pedagógicas ambientais e a situação dos espaços físicos da escola de Ensino Fundamental Wildemberg de O. Assis, e as práticas existentes em

EA dos moradores. Cabe frisar que nesta investigação o acompanhamento dos trabalhos pedagógicos dos professores aflorou à medida que as relações se estabeleciam a partir de uma porção de novos detalhes sobre os mesmos fatos. Isso é possível, de acordo, com Ludke e André (1986, p. 26), porque “(...) na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cercam e às suas próprias ações”.

Para o desenvolvimento do diálogo, a metodologia utilizada foi um gravador de voz, deixando o sujeito pesquisado à vontade tendo em vista a qualidade da coleta de informações ao mesmo tempo considerando a importância de ouvir as pessoas a partir de um diálogo mais vivo possível, para que elas possam expor suas compreensões que estas constroem sem serem induzidas pelo questionamento do entrevistador. Posteriormente a entrevista foi realizada as transcrições das falas, tendo com propósito, manter a fala tal qual no momento do dialogo, bem como suas compreensões sem qualquer alteração de modo que venha a retirar o sentido do que consta na entrevista.

Para esse diálogo assim como as demais ações, houve uma preocupação em sempre delimitar o foco de interesse. Desse modo foram elaboradas perguntas compreendendo não só uma organização previa da atividade a ser desenvolvida, bem como uma forma de direcionar a conversa sem mudar o foco em discussão. As perguntas em si foi uma base para a orientação, no entanto para o dialogo optamos por não perguntar as questões tais como foram escritas, uma vez que assim poderia dificultar a coleta das informações, mas buscamos em meio às conversas articular questões que o questionário propusera responder.

Desse modo, a interlocução dos elementos citados, como a observação do cotidiano pesquisado, entrevista, leitura e análise são essenciais para a compreensão dos elementos que norteiam o estudo, segundo André & Ludke (1986, p. 09) “a entrevista, que permite um maior aprofundamento das informações obtidas; e a análise, que complementa os dados obtidos através da observação e a entrevista e que aponta novos aspectos da realidade pesquisada”

Para tanto é necessário enfatizar que no decorrer de toda a pesquisa optei sempre está fazendo anotações que considero importante para a pesquisa já que em meio tantos materiais isso pode vim a ser comprometido uma vez que podemos deixar de lados pontos relevantes. Por ultimo se tratando da análise dos dados tem

como proposição realizar as interpretações sobre o estudo desenvolvido, possibilitando o pesquisador para além de suas impressões e interpretações referente ao trabalho vem com o propósito de fazer proposições que possam contribuir na melhoria da realidade estudada.

Para tanto trabalhar o estudo de qualitativo proporciona para além de uma visão do imediato, mas, sobretudo possibilita a observação de forma aprofundada de uma situação através de diversas fontes de informação o que nos proporciona uma interpretação da realidade posta e através das análises podemos nos posicionar, sugerir e fazer proposições.

IV.1 CAMINHOS DA PESQUISA

O trabalho foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa com um estudo descritivo e analítico, entendendo-se que esta seja o método que está de acordo com o objetivo que se pretende alcançar, que é apropriar-se do ponto de vista dos educadores, dos educandos e pessoas da comunidade relacionando a realidade de cada um quanto sua prática educacional e sua visão sobre as questões ambientais. Observando até que ponto valoriza as experiências dos educandos fora de sala de aula e como trazem todas essas experiências para dentro da escola. De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais afirma que:

“O professor deve sempre que possível possibilitar a aplicação dos conhecimentos à realidade local, para que o aluno se sinta potente, com uma contribuição a dar, por pequena que seja para que possa exercer sua cidadania desde cedo”. PCNs (1997)

O diagnóstico realizado neste trabalho tem evidenciado a insuficiência das instalações da escola, a falta de conhecimento sobre políticas de educação básica para o campo, um currículo descontextualizado, a sobrecarga de trabalho do professorado, a ausência de assistência pedagógica na escola, falta de material adequado para trabalhar com esta realidade, entre outros. Para compreender um pouco esse procedimento analisaremos alguns elementos da trajetória investigativa.

De acordo com o questionamento feito ao educador, J. D. P. S. 32 anos, que foi entrevistado revela a resposta do no que diz respeito ao método de atuação em sala de aula o educador afirma que a sua melhor maneira de ensinar sobre a Educação Ambiental e pela exemplificação no seu cotidiano.

Pra nós da escola Wildemberg, aqui do campo, falta material, que venha trazer novos conhecimentos para as crianças, pois a escola não contém estes materiais didáticos sobre a região e que possa da mais aprendizagem para os alunos sobre a natureza, pois, se a escola tivesse estes materiais, seria mais fácil trabalhar a educação ambiental do local, a escola está muito carente e precisa deste recurso que venha retratar sobre a educação ambiental da localidade. Eu trato de uma forma transparente, para que todos vejam que eu gosto da natureza, e fazendo isso estou conscientizando as pessoas a terem também pela natureza, não joga lixo nas beiradas dos córregos, não provooco queimadas, e fazendo isso eu acredito que as pessoas também terão respeito pela natureza.

De acordo com a fala do professor acima entrevistado percebe-se que falta uma construção e organização de um currículo com suas metodologias e práticas voltadas para o próprio APA Araguaia, focando as suas especificidades, que venham facilitar o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. Na falta deste currículo o educador enfrenta o descontrole de conteúdos desnecessário para obter um bom ensino-aprendizagem durante o ano, este currículo precisa ser construído pelos próprios educadores, onde o mesmo tenha um significado de suma importância para todos, e que facilite a administração do tempo em sala de aula ou fora dela para o educador. Outro ponto gritante é o desajustamento da sua formação soma-se ao trabalho de inserir suas preocupações por conta própria na sua vida profissional.

Um grande desafio para o educador em relação à educação ambiental é compreender os elementos naturais e culturais e que fazem parte do ambiente onde seus educandos estão inseridos, sabendo que não pode ser esgotados ou inutilizados, pois a biodiversidade esta vinculada à diversidade cultural, pois o meio em que vivem torna-se motivo para a comunidade, um valor cultural.

O mesmo educador J. D. P. S., 32 anos, afirma que tem uma grande influência na vida dos educandos, pois, juntamente com o ensino de conteúdos curriculares também desenvolve relações afetivas e com esta missão de preservação existente no APA Araguaia o mesmo faz uso da interdisciplinaridade.

É pra nós que moramos aqui, o maior problema com a natureza é o foco de fogo todos os anos, então sobre esta questão a gente de logo já ensina as crianças a prevenir queimadas e derrubadas, um exemplo: no período de fogo, muito animais são mortos, como é o tatu, o jabuti, e outros animais nativos da região a gente já alerta, agora recente fizemos um projeto de arborização na escola uma educação voltada para as crianças no sentido de conscientizar, elas e os pais, a fazerem um reflorestamento novamente, trabalhar com as crianças esse tipo de tarefas os pais também estão aprendendo, porque as crianças geralmente está transmitindo para eles o que eles não tiveram no passado.

Percebe-se assim que há elementos de contraposição que, a partir de outra perspectiva, pode subsidiar uma leitura de mundo mais complexa e harmoniosa para uma intervenção que contribua no processo de transformação da realidade socioambiental.

Outro ponto a ser ressaltado na discussão a cerca dos entrevistados do Vale Sucupira é que por mais que tenha uma diversidade e especificidade encontrada no Vale há uma ausência de registros/informações e que é consenso de todos. Afirmam que pessoas de vários lugares do Brasil vão a Serra das Andorinhas fazem estudos, pesquisas, entrevistas, monografias e os moradores do Vale não são providos de nenhum documento, elaborado pelos mesmos deixando distante a parte científica para a população, e isso na aprendizagem escolar de educadores, educandos e até mesmo de moradores seria de grande valia, pois, a escola se abastece somente de fontes urbanas contradizendo o contexto dos moradores. Para tal conclusão o morador S. O. S. de 21 anos, narra:

Eu acho importante, porque a nossa região ela, vem pessoas de fora, eles vem fazer estudo só que eles fazer o estudo aqui e não deixa nada para o pessoal da região, na verdade o pessoal da região tem que desfrutar da riqueza também porque aqui tem uma riqueza muito importante para toda sociedade.

Esse processo de conscientização se dá por intermédio de uma formação cidadã comprometido com o exercício do enfrentamento das questões socioambientais da atualidade. Esse exercício tem que ser por meio de intervenções, projetos educativos para além da sala de aula. Pode ser metodologicamente viável, desde que os educadores que as realizam, conquistem em seu cotidiano à práxis de um ambiente educacional de caráter crítico.

Apesar de todo impasse os educandos quando estão em círculos dialógicos dão um espetáculo de aprendizagem cotidiana sobre a própria região fazendo uso do contexto, sendo o protagonista de sua própria história, porém, de feitio informal como afirma o educando R. P. S. de 16 anos:

Eu penso que educação ambiental e o meio ambiente têm que ser igual, eu aprende na escola e faço em casa, as pessoas desmata as beiras dos rios e fazem queimadas descontroladas, sem um controle de vizinhos, prejudicando os outros moradores, não adianta dizer que sabe proteger o ambiente se não fazer o que falar.

Trabalhar pedagogicamente o cognitivo e o afetivo é fundamental na motivação dos educandos, mas não são por si só suficientes para moverem os educandos a transformarem as suas práticas individuais e coletivas, é preciso planejar ações pedagógicas em que as práticas sejam viabilizadas. De acordo com os PCNs:

Grande parte dos assuntos mais significativos para os alunos está circunscrito à realidade mais próxima, ou seja, sua comunidade, sua região. Isso faz com que a Educação Ambiental trabalhe com a realidade local, e isso seja de importância vital. (1997, p. 69)

Ainda com relação à Educação Ambiental é visível para os entrevistados que a Educação Ambiental e o Meio Ambiente andam juntos. É notável quando os mesmos dão importância para manter e ampliar os conhecimentos, afirmam que há uma necessidade na escola Wildemberg de Oliveira Assis, de divulgar a própria localidade rica em minérios, solos, rochas, plantas medicinais, animais, pássaros, Florestas, Cerrado. Fica aparente na fala do morador R. G. S. 41 anos, que afirma:

A educação ambiental e o meio ambiente né, eles pode eu penso assim, é que eles podem andar juntos, pra mim é uma coisa só eu entendo que é uma coisa só quando né, a educação e o meio ambiente, né, o meio ambiente fala de limpeza, de sujeira, tudo, o uso do igarapé essas coisas eu penso que estas coisas têm acompanhado a educação né andar tudo junto, no começo que quando comecei a estudar, sempre todo tempo foi assim, eu vi sempre o professor falando sobre isso né, sobre educação, sobre o meio ambiente junto trabalhando né, quando eu tive nessas palestras concordo que seja assim mesmo.

Observa-se que o processo de vivência busca constituir um ambiente educativo em que o estímulo a uma reflexão crítica leva a práticas diferenciadas e isso será base para atividades proposta por uma realidade socioambiental. Para Morin (2002, p. 36), "... O conhecimento para ser pertinente, não deriva de saberes desenvolvidos compartimentalizados" e com um pensar e realizar educativo inter-relacionando de maneira critica contribuirá para fluir em mudanças e de forma significativa frente dos valores e atitudes, segundo Carvalho, (2004, p. 19) "... modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental".

Trazer o contexto da comunidade para a escola e voltar com atuações educacionais na sociedade é uma intenção de uma abordagem de relacionamento, entre o homem e a natureza. Este procedimento se torna educativo.

As visões e experiências a cerca da realização das práticas de Educação Ambiental para o educador M. E. P. S. 33 anos, aparentemente fica muito no campo das preocupações, o que se tem observado que as ações em Educação Ambiental são muito vagas. Explicitando a ausência de formação continuada.

Eu venho falando sobre as questões ambientais com maior respeito porque, até porque é uma preocupação de todos nós o meio ambiente e assim porque o que vem acontecendo devido às queimadas, as derrubadas, a preocupação nossa é uma só, se de repente se tudo isso acabar como é que a gente vai ficar então eu dou, na minha matéria, principalmente de estudo amazônico eu venho trabalhando bastante derrubadas, as queimadas, a preocupação mesmo com o meio ambiente.

É a partir destas situações desafiadoras que devemos analisar nossas metodologias para criar melhores condições de aprendizagem e formas de melhoramento para nossos educandos, podendo ajudá-los a resolver essas dificuldades. Os educadores, apesar de bem intencionados, na maioria das vezes ao buscarem desenvolver atividades "reconhecidas" como de educação ambiental, oferecem uma prática apoiada pelos paradigmas da sociedade moderna.

Isso é, queremos fazer diferente pensando da mesma forma. É preciso repassar que o sujeito em geral é social, experienciamos em nosso cotidiano a dinâmica informada pelos exemplares da sociedade moderna que tende a se

autoperpetuar e que, assim é reprodutora de uma realidade já estabelecida por uma racionalidade predominante.

Romper com esse artifício é estarmos críticos para que ações conscientes possam gerar práticas diferenciadas, que se volte para o moderno, emancipados das amarras do tradicionalismo que reproduzem o passado no presente. Como afirma Guimarães, que:

Trazer a realidade de fora da escola para dentro e retornando com ações educativas na comunidade é o pressuposto de uma abordagem relacional. Todo esse processo é um ambiente educativo propício para o desenvolvimento de uma educação ambiental em seu caráter crítico, que se inicia na escola, mas se realiza para além de seus muros. (GUIMARÃES, 2007, p. 92):

A escola tem por função preparar o indivíduo para o exercício da cidadania atual para a modernidade. Ressaltar também que, não precisa necessariamente mudar o currículo ou a grade curricular é preciso mudar as atitudes por nós mesmo. E isso é um grande desafio á construção de um currículo coletivo voltado para os povos do campo, pois é preciso perceber que é uma construção com os sujeitos e não para os sujeitos, ouvindo os sujeitos e aprender com suas experiências. Para Cavalcante, que faz uma interpretação sobre Currículo e Educação Ambiental, afirma que:

Para a educação ambiental esta discussão “subliminar” no processo de seleção de conteúdos e práticas escolares é central no amadurecimento da concepção de Educação Ambiental que se naturaliza, e ganha espaço. Por tudo isso o campo de estudo do currículo pode trazer importâncias reflexões para o campo de estudo da Educação Ambiental, pelas suas interfaces políticas, culturais e pedagógicas. (CAVALCANTE, 2005, pg. 121)

Portanto, os currículos precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente. O currículo não pode deixar ausentes as discussões sobre os direitos humanos, as questões de raça, gênero, etnia, a produção de sementes, o patenteamento das matrizes tecnológicas e das inovações na agricultura, a justiça social e a paz.

O elemento que transversaliza os currículos nas escolas do campo é o solo e com ele as relações com o cosmo, a democracia, a resistência e a renovação das

lutas e dos espaços físicos, assim como as questões ambientais, políticas, de poder, ciência, tecnológica, sociais, culturais e econômicas.

Na busca de tentativas, para que a comunidade tenha uma sustentabilidade é preciso permitir que a própria comunidade cuide de seu próprio ambiente, pois é neste ambiente que os indivíduos desenvolvem a maior parte das tarefas produtivas e criativas, propiciando um meio mais acessível para a iniciativa de opiniões e tomadas de decisões sobre situações que os comprometem.

CAP V – CONCLUSÃO: Atitudes que marcam o início de mudanças

Ao concluir esta pesquisa, este estudo ressaltou que na comunidade Vale Sucupira há uma considerável quantidade de floresta nativa, visto que esta, ao longo do tempo, vem se fortalecendo cada vez mais. Em meio a esta comprovação, é perceptível que pode haver certa importância do Parque Estadual neste ambiente, e que reconhecê-la constitui contemplar este lugar em diferentes dimensões, principalmente como elemento de construção do conhecimento, de forma que colabore para sua abordagem enquanto área fundamental para as práticas pedagógicas e para o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental.

Creio que o adiantamento deste trabalho sobre esta temática tenha sido importante para repensar questões e problemáticas sobre o meio ambiente, e para perceber seus subsídios para o ensino e aprendizagem da população local, tanto os que habitam a região, quanto para os educadores. Assim, ao desenvolvermos este trabalho, também estudamos sobre os elementos que nos fazem refletir acerca do meio ambiente, de forma a tentar construir um pensamento crítico sobre a realidade em que operamos o que tranqüilamente contribuirá de forma efetiva para a nossa formação.

Este trabalho objetivou também conhecer se é dada ou não importância ao Parque Estadual Serra das Andorinhas por parte dos componentes da escola Wildenberg de Oliveira Assis, além de apreciar também se o referido Parque é adicionado ou não como conteúdo nos planos pedagógicos e nos conteúdos curriculares. E de acordo com as proposições construídas para nortear o procedimento da pesquisa, foram obtidos resultados ligados com as suposições apresentadas (anteriormente), pois o Parque seria importante para os educadores, educandos e comunidade e se os mesmos reconhecem seu valor e sua utilidade para a sensibilização dos educandos sobre o meio ambiente e conservação das áreas protegidas, pelo menos no plano discursivo.

Além disso, tais educadores também debatem essa temática e incluem o Parque em seus planos de instrução, ou seja, são efetivamente realizadas atividades em suas disciplinas, usando o Parque como meio facilitador do procedimento de ensino-aprendizagem, embora alguns dentre os entrevistados tenham evidenciado dificuldades práticas em trabalhar com esse tema,

principalmente no que se refere à abordagem transversal do Parque Estadual, envolvendo todas as áreas do conhecimento.

Entretanto, acreditamos que os educadores da escola estudada necessitam de um acervo que venha colaborar com o processo de ensino-aprendizagem em Educação Ambiental, assim obtenham alcançar uma finalidade mais ampla, que é a sensibilização dos educandos para que cresçam aperfeiçoando conceitos críticos e sejam cidadãos capazes de agirem na sociedade com visões convenientes acerca do conhecimento científico, principalmente no que se relaciona à problemática socioambiental regional.

Deste modo é necessário que haja mais discussões, debates, e até oficinas que venham contribuir com a formação dos educadores, para que estes se adaptem mais dos complexos dados sobre a educação ambiental e para que possam delinear tática para o desenvolvimento de ações pedagógicas sobre o meio ambiente nessa escola do campo. Visto que essa temática é de importância para a população da região, é preciso que haja mais ação concreta nas práticas pedagógicas, já que há muitas suposições sistematizadas acerca da Educação Ambiental. Contudo, há um momento em que necessitamos de ação, e para agir é preciso balizar as informações e planejar sobre o que se quer fazer e como fazer.

Por fim, tal estudo acendeu probabilidades para o aumento de novas concepções pedagógicas, que podem contribuir na aprendizagem dos educandos a partir da realidade local, de modo que o aprendizado se dará de forma coletiva e interativa, pois é na interação e relação com o meio ambiente e com a sociedade que se estabelecem as condições de aprendizado.

A escola estudada já está trabalhando em projetos para sensibilização dos moradores em relação Parque Estadual Serra das Andorinhas nos conteúdos ministrados em sala de aula. Podemos então destacar como uma consequência positiva neste estudo e ainda como forma de vindouras pegadas para novas pesquisas, que a discussão sobre o Parque Estadual Serra das Andorinhas dando início ao desenvolvimento em um círculo efetivo no currículo da escola, sendo que o projeto educacional que está sendo construído pelos educadores parte justamente dessa idéia de valorização do Parque Estadual, e alguns subsídios indutivos deste trabalho de pesquisa irão auxiliar a preparação deste projeto. Sendo assim, apontam-se perspectivas atraentes, a curto, médio e longo prazo, para a temática da Educação Ambiental no contexto da realidade aqui estuda.

Portanto, acreditamos colaborar para que de fato sucedam as transformações necessárias nas práticas pedagógicas dos educadores, não só por meio da educação formal, mas também a partir da informal. Certamente, esse trabalho não pretende consumir o tema em estudo, mas sim apontar subsídios significantes para pensar as práticas pautadas à Educação Ambiental em algumas escolas do campo da região Sudeste do Pará, além de assinalar pista para futuras reflexões nessa direção.

Frente a essa realidade, percebe-se, que a formação dos nossos educadores precisa de novas formas de se trabalhar a Educação Ambiental, que prezem a ecologia e valorize os conhecimentos e os arranjos locais. Onde levem em consideração as práticas e os saberes das populações locais que vivem em uma relação mais intrínseca com os elementos naturais em seu cotidiano.

Concluimos que é parte da tarefa de uma Educação Ambiental envolvida com a emancipação dos sujeitos, procederem a uma tematização a respeito dos valores que regem o agir humano em relação com a natureza. Afirmar e legitimar tais valores e resgatar outros valores reprimidos que carregam saberes de uma sociedade ecologicamente consciente.

Verificamos que o desenvolvimento das representações dos educadores e educandos em relação à Educação Ambiental não se reduzem a campanhas como coletas seletivas e reciclagem. Eles compreenderam que ela tem uma responsabilidade na formação do cidadão em relação às questões ambientais.

Exemplos dessa evolução foram os projetos de intervenção nas escolas do campo na região de São Geraldo do Araguaia.

Outro avanço significativo foi o envolvimento da comunidade escolar nos projetos nas escolas, evidenciando a importância da união e comprometimento para o alcance de objetivos comuns. Ressalta-se, também, que a participação e o incentivo da Secretaria de Educação do Município, citado acima, e da escola foi fundamental para o planejamento e a execução dos projetos de intervenção nas escolas.

A busca pelo conhecimento das questões ambientais e de toda sua problemática foram atitudes que marcaram o início das mudanças com relação à inclusão da dimensão ambiental nas práticas pedagógicas da escola envolvida.

Os professores também indicaram que não está explícita na grade curricular os problemas ambientais abordados e as práticas desenvolvidas nas

escolas, mostrando disponibilidade para está participando de programas de formação.

Assim, ampliando, para os professores, as representações de meio ambiente e Educação Ambiental, oferecendo subsídios para a elaboração e aplicação do trabalho pedagógico. Com formação continuada proporcionará uma maior preparação e uma melhoria da profissionalização do educador e da qualidade do ensino, estimulando também a pesquisa e favorecendo o enfrentamento das questões ambientais locais e regionais.

Todas as barreiras levantadas nesse trabalho precisam ser encaradas pelos gestores das políticas públicas educacionais, especialmente no campo ambiental onde programas e projetos de formação de educadores encontram-se em execução.

Por outro lado, as reflexões e contribuições desse trabalho podem abrir espaço para novas discussões em que possamos refletir criticamente sobre o papel da escola pública na inserção da dimensão ambiental no currículo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel (Org.). *Da escola carente à escola possível*. São Paulo: Edições Loyola 1991.

BARCELOS, Valdo – ***Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas***/Alexandre de Gusmão Pedrini (org.). 6.ed. – Petrópolis, RJ Vozes, 2008.- (Coleção Educação Ambiental). Vários autores. ISBN 978-85-326-1946-4 I. Educação Ambiental I. Pedrini, Alexandre de Gusmão.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais**. Brasília: MEC / Secretaria de Educação Fundamental, 1997

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1989. Anuário Estatístico do Brasil 1989, Vol. 49, IBGE, Rio de Janeiro, RJ.

CARVALHO, I. C. M, Ed. *Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo, Cortez, 2004.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 6. Ed. São Paulo: Gaia, 2000.

DIRETRIZES Operacionais a Educação Básica nas Escolas do Campo - SECAD **Educação Continuada, Alfabetização e diversidades** -- Resolução CNE/CEB nº. 1, 2001

ENCONTROS E CAMINHOS: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores/Luiz Antonio Ferraro Júnior, organizador. – Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358p.; 23cm.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, UNESP, 1979.

_____, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**/ Paulo Freire. . 49 Ed. – São Paulo, Cortez, 2000.

_____, Paulo. **Educação e mudança**/ Paulo Freire, tradução Moacir Gadotti e Lília Lopes Martim. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 impresso no Brasil 2008.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES M. **Educação Ambiental Crítica: Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007.

GUIMARÃES, Pedro Wilson. Cerrado e desenvolvimento: tradição e atualidade. In: LUZ, Cláudia & DARYRELL, Carlos (Org.). **Cerrado e Desenvolvimento**: tradição e atualidade. Montes Claros: CAA-NM/ Rede Cerrado, 2000. P, 13-18.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico. Rio de Janeiro, 2000.

IBGE – Levantamento dos Biomas Brasileiros, 2004.

IDESP – Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará. Municípios paraenses: São Geraldo do Araguaia, 21p. 1990.

IDESP – Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará. Plano Operativo: projeto de geminação de um Parque Estadual no Estado do Pará, e um Parque Natural em Portugal. Belém, PA. 21 p. 1995

LUDKE, Menga; ANDRÊ, Marli. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEC/SEF: **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos Temas Transversais e Ética Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2007. Volume 8.

MEDINA, N. M.; SANTOS, E. C. **Educação ambiental**: uma metodologia participativa de formação. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidades** – Diretrizes Operacionais a Educação Básica nas Escolas do Campo - SECAD - Resolução CNE/CEB nº. 1, 2002.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). Avaliação do estado do conhecimento da diversidade biológica do Brasil – vertebrados. COBIO/MMA, GTB/CNPq e NEPAM/UNICAMP. 131 p. 2003.

MOLINA, Mônica Castagna - **Por uma Educação do Campo** – Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo nº. 5 – 2004.

MORIN, E. Os sete saberes necessários á educação do futuro. São Paulo: Cortez 2002.

Plano de Manejo do PE Serra dos Martírios/Andorinhas – PESAM/PA Capítulo II - Análise da Unidade de Conservação- 2004

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** temas transversais. Brasília: MEC / Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

SATO, M. **Educação Ambiental.** São Carlos: Rima 2002.

ZAKRZEVSKI, S. B. A Educação Ambiental nas Escolas do Campo. In: MELLO, S. S.; TRAJBER, R. (Coord.). **Vamos cuidar do Brasil:** Conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação geral de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental; UNESCO, 2007.

Revista Especial Amazônia – **O fato Humano** – O destino da Amazônia está atrelado à vida de seus 25 milhões de habitantes – Ed. Abril, ano 42, p. 20 - 2009.

Sites visitados:

<http://www.ibama.gov.br/ecossistemas/tipos.htm>

<http://www.polanlacki.com.br>

<http://www.inpe.br> (09 de maio de 2000)

ANEXOS

QUESTÕES ELABORADAS PARA AS ENTREVISTAS

- Como é a educação ambiental no APA Araguaia: como os professores ensinam sobre a questão ambiental e sobre como os mesmos tratam o meio ambiente?
- O que as pessoas da comunidade pensam sobre EA e meio ambiente: como os habitantes tratam o meio ambiente e por quê?
- Como as crianças tratam o meio ambiente?

ENTREVISTA DA COMUNIDADE VALE SUCUPIRA

1. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O MEIO AMBIENTE? (PARA O EDUCANDOS DO 6º AO 7º ANO E PAIS/COMUNIDADE)

P. S. S. 10 anos. Bom, eu penso que meio ambiente e educação ambiental tem que andar junto, não desmatar por que o meio ambiente é educação e muito importante estudar a nossa própria região, pois ela é rica de vários animais, plantas e peixes.

J. F. M. J. 13 anos Eu penso que o meio ambiente, as florestas que a gente tem que parar de derrubar por causa dos animais, o clima cada vez ficando mais quente, para de derrubar as beiras dos córregos por causa dos peixes vai ficando raso.

D. S. S. 17 anos. Nós sabemos que a florestas é muito importantes para nós, muitos animais vivem só pela natureza, nós também somos fornecidos pela natureza, muitas pessoas não se amam a se próprio, porque queimam as florestas como qualquer não sabendo que ele esta prejudicando ele mesmo, nós devemos queimar para nós sobreviver mais tem que ter o limite e no tempo certo. Vivemos no tempo muito quente os rios não são mais frios, não tem o sabor gostoso que tinha, tudo isso é porque tem muita poluição de fumaça através de queimadas na floresta, não tem muita chuva para ajudar a molhar a terra, pois a terra fica muito seca e não tem força para ajudar as arvores o homem sai queimando os campos mais ele sabe que pode prejudicar ele mesmo, tem que ter muito cuidado ao fogo porque prejudica não só ele mais todos animais

D. E. S. S. 13 anos. Eu penso que a educação ambiental é uma forma da gente aprender a zelar da natureza, zelar com a mesma coisa da nossa casa não deixar sujeira, nem lata nem um horror de poluição nem fumaça pela mata, não andar ascendendo fogo, corre o

risco de incêndio na mata e acaba com a mata. Eu aprendi que a educação ambiental e meio ambiente são duas coisas que se juntam num termo só, e a gente aprende na educação ambiental para cuida do meio ambiente

M. S. S. 17 anos. Eu acho importante estudar na escola, pela educação ambiental a gente aprende mais sobre ambiental como pode fazer certo.

R. P. S. 16 anos. Eu penso que educação ambiental e o meio ambiente têm que ser igual, eu aprende na escola e faço em casa, as pessoas desmata as beiras dos rios e fazem queimadas descontroladas, se um controle de vizinhos, prejudicando os outros moradores, não adianta dizer que sabe proteger o ambiente se não fazer o que falar.

F. B. S. 62 anos. É importante corta um pau e plantar outro, isso é importante, também o menino estudar desde cedo aí é também é importante também, é puque pra deixar pra depois não adianta mais puque desde cedo dá o trabai qui da pra aprender, pois é então é isso o que eu tenho a dizer é isso.

S. O. S. 21 anos. Eu acho importante, porque a nossa região ela, vem pessoas de fora, eles vem fazer estudo só que eles fazer o estudo aqui e não deixa nada para o pessoal da região, na verdade o pessoal da região tem que desfrutar da riqueza também porque aqui tem uma riqueza muito importante para toda sociedade.

R. G. S. 41 anos. A educação ambiental e o meio ambiente né, eles pode eu penso assim, é que eles podem andar juntos, pra mim é uma coisa só eu entendo que é uma coisa só quando né, a educação e o meio ambiente, né, o meio ambiente fala de limpeza, de sujeira, tudo, o uso do igarapé essas coisas eu penso que estas coisas têm acompanha a educação né andar tudo junto, no começo que quando comecei a estudar, sempre todo tempo foi assim, eu vi sempre o professor falando sobre isso né, sobre educação, sobre o meio ambiente junto trabalhando né, quando eu tive nessas palestras concordo que seja assim mesmo.

R. G. 73 anos. Eu acho a água muito fina, nós usa ela, aí não pode jogar de comida dentro, osso, tudo dentro da água, plástico, todo lixo, que a Maria tem acanhado, onde tem muié eu num vou lá, e estas coisas a gente joga fora não na água, tem gente daqui pra riba e daqui pra baixo, é morador e aí não pode.

2 - COMO VOCÊ TRATA O MEIO AMBIENTE?(PARA O EDUCANDOS DO 1º AO 7º ANO E PAIS/COMUNIDADE)

P. S. S. 10 anos. Não derrubando, não jogar lixo no meio, não poluindo as águas daqui, pois sei que sou parte dela.

J. F. M. J. 13 anos. Eu acho importante nós estudar aqui na escola, a nossa própria região, pois temos de tudo aqui, pois estamos cercados de coisas boas, de vidas variadas.

D. S. S. 17 anos. Por que o meio ambiente ele é muito bom e saudável para nossas vidas, porque sabemos que todos nós vivemos pela natureza e o meio ambiente por que se não fosse o meio ambiente não tínhamos um banho gostoso, nós não se sentiríamos feliz, sentimos bem aliviados, sentimos bem saudável nas florestas. Eu cuido do meio ambiente desta forma quando a gente ver alguma chujera, poluição no meio ambiente a gente pega e a gente queima e limpa sabemos que dessa água desse meio ambiente que nós se servimos as vezes a gente vai na casa de amigos e quando vemos muita chujera agente vai e convida ele e limpa tudo, pois sabemos que vivemos pela natureza e cuidamos dessa forma , as vezes vai passear vai ao mato e quando vê alguns litro, roupa velha agente pega e limpa como é pra ser

D. E. S. S. 13 anos Eu trato o meio ambiente como o quintal de minha casa, não só limpando ele mais cuidando dele para não deixar cheio de poluição de sujeira de lixo, cuidando das águas, quando vejo um lixo posso pegar retira bota pra fora, porque eu sei que vai servi de lazer pra mim, pra eu poder tomar banho, me saciar numa água fria e saudável. A gente poderia estudar a própria região por que ela é um lugar muito rico em água, em matas e animais, e ela devia ser estudada, porque nós temos estudar nosso próprio conteúdo, pra nós se caracterizar nele.

R. P. S. 16 anos. Eu da minha parte cuido do ambiente, cuidando do lixo da minha casa, das grotas, do meio das estradas entre outras coisas, como cuidar da floresta, dos animais e de ter uma relação boa com a floresta que é a minha casa também.

T. S M. 34 anos. Eu não posso destruir não toco fogo, A água, não posso jogar lixo na água, não pode fazer cocó na beira da água, porque vai poluir nós usa a água pra beber, banhar. Para o meu filho eu ensino ele para não jogar lixo na água nem nas ruas, nem no quintal, tem a vasilha de colocar o lixo, depois eu toco fogo.

M. S. S. 17 anos. Nós não podemos jogar lixo na água, porque nós bebemos, cozinhamos e de outros mais, a natureza tem que ser preservada do homem, ele não pode derrubar as matas porque as cobras vêm pra dento da casa.

F. B. S. 62 anos. O que desmoronar na mata tem que refloresta, plantar eu acho certo porque se não se acaba tudo. Agora mesmo ta acabando de queimar ali no fundo do quintal, a muié ajunta e bota fogo, porque aqui não tem carro não vem busca aqui, pois bem a gente queima , ajunta e bota lá pra bota fogo.

S. O. S. 21 anos. É eu acho importante pra nossas vidas porque através do meio ambiente a gente tem uma ligação com a natureza, tem um ar puro pra gente respirar, e a gente estudando sobre uma educação sobre meio ambiente, a gente ta conservando o que existe, descobrindo novas descobertas, e a gente ta crescendo junto, ter uma boa saúde, por que nós sabemos que hoje a nossa saúde depende da natureza, temos que estuda pra nós ter uma saúde melhor.

R. G. S. 41 anos. É logo em primeiro lugar é assim, a sobre a saúde, né, tem que queimar lixo, tem que zelar o quintal, da água, que agente vai beber, os plástico, sobre as criações do quintal também agente zela bem, porque o zelo é que faz agente ter uma boa saúde. É quando eu ando assim, vejo alguma coisa assim errada assim, quando eu ando assim, lixo, coisa, coisa sebozo, né agente acostuma a reclamar, ensinar, explicar como pode fazer, daquela maneira não funciona, prejudica a saúde sempre eu tenho costume é fala é explicar pra pessoa como ela pode fazer.

R. G. 73 anos. Eu pra mim é bom, é bom de mais porque assim, sem ter a pessoa pra ensina nunca vai pra diante é só pra trás. Eu, meu pai só ensinava ir pra roça, sempre quis ir pra escola mais ele não boto, já o caçula ele coloco, mais eu era uma pessoa convicto, eu falava comigo, só comigo eu falava não sei de dada mais Deus sabe.

COMO VOCÊ CUIDA DO MEIO AMBIENTE? (PARA AS CRANÇAS 1º AO 5º ANO)

R. S. M. 9 anos. Eu jogo papel no lixo, aí eu capino lá em casa, pego o lixo e coloco no buraco que minha mãe fezes pra bota lixo, eu queimo os plásticos que fica lá no nosso quintal.

T. F. S. 11 anos. Eu trato o meio ambiente, trabalhando, eu pego lixo da minha casa queimo no buraco de lixo que meu pai fezes, eu vou e queimo depois, eu planto novas plantas lá no sitio lá de casa, pé de cupu, pé de manga, nós plantamos até lá em cima da serra na chapada lá de casa, depois nós viemos. Aqui na escola nós já fizemos projeto de reflorestamento.

G. P. S. 14 anos. Porque não joga lixo na água, nem no terreiro, nem lugar nenhum, pega e joga no buraco nós pai ensina assim, pegar o lixo jogar no buraco não deixar no meio da casa nem lugar nenhum, as coisas de planta, varre o terreiro, cuida da roça, cuida dos animais de tudo. nós planta outras plantas novas.

COMO VOCÊ ENSINA SOBRE AS QUESTÕES AMBIENTAIS? (PARA OS EDUCADORES)

M. E. P. S. 33 anos. Eu venho falando sobre as questões ambientais com maior respeito porque, até porque é uma preocupação de todos nós o meio ambiente e assim porque o que vem acontecendo devido às queimadas, as derrubadas, a preocupação nossa é uma só, se derepente se tudo isso acabar como é que a gente vai ficar, então eu tó, na minha matéria principalmente de estudo amazônico eu venho trabalhando bastante derrubadas, as queimadas, a preocupação mesmo com o meio ambiente.

J. D. P. S. 32 anos. É pra nós que moramos aqui, o maior problema com a natureza é o foco de fogo todos os anos, então sobre isso a gente de logo já ensina as crianças a

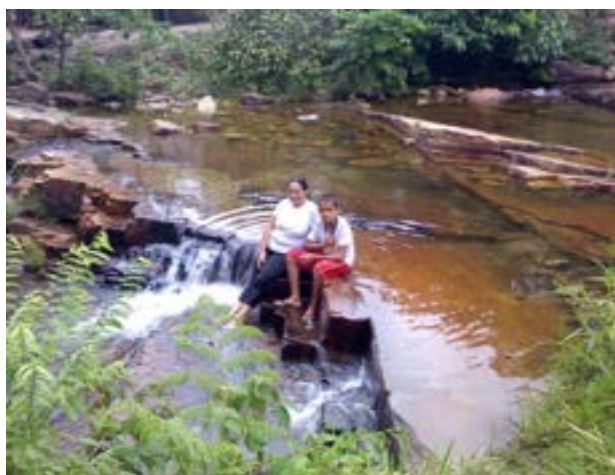
prevenir queimadas e derrubadas e também digamos que no período de fogo, muito animais são mortos como é o tatu, o jabuti, e outros animais nativos da região, agora recente nós fizemos um projeto de arborização a escola uma educação voltada para as crianças no sentido de conscientizar os pais a fazer um reflorestamento novamente, trabalhando com as crianças esse tipo de trabalho os pais também estão aprendendo, porque as crianças geralmente estão transmitindo para eles o que eles não tiveram no passado pois, não foram orientados no passado e derrubaram boa parte da natureza que hoje podemos ver que a maioria foi derrubada porque ninguém teve o estudo sobre a derrubada, para nós da escola do campo, da escola Wildemberg, falta material, que venha a trazer novos conhecimentos para as crianças pois a escola não contém estes materiais didáticos sobre a região que, materiais estes que possam dar mais aprendizagem para os alunos sobre a natureza pois, se a escola tivesse estes materiais, seria mais fácil trabalhar a educação ambiental do local, está muito carente e precisa deste recurso que venha retratar sobre a educação ambiental da localidade.

E COMO VOCÊ TRATAR O MEIO AMBIENTE?

M. E. P. S. 33 anos. Não, como eu já falei a resposta anterior, o respeito a consideração pelo meio ambiente para mim é muito grande, porque até uma árvore mesmo que ela, tem gente que a árvore não dá fruto corta tudo e joga fora, e hoje eu sempre fico observando que não é bem assim uma árvore é muito importante na vida de cada um, mesmo que não dê fruto num de nada mesmo assim ela continua, limpa de baixo e arredor e fica continua sombra de grande proveito para nós, o lixo eu cavo um buraco pego o lixo jogo tudo dentro interno o que dá pra queimar eu queimo, e é isso que eu faço.

J. D. P. S. 32 anos. Eu trato de uma forma transparente, para que todos vejam que eu gosto da natureza, e fazendo isso estou conscientizando as pessoas a terem também pela natureza, não joga lixo nas beiras dos córregos, não provoço queimadas, e fazendo isso eu acredito que as pessoas também terão respeito pela natureza. Quanto à questão do lixo nos quintais, a gente procura a conversar com as pessoas de uma forma assim que venha a compreender que o lixo venha a ser prejudicial a fonte dos córregos, e tudo isso pode gerar poluição para os córregos e também poços, e até mesmo para a mata que ainda existe na localidade, até mesmo para própria saúde da gente e também das crianças dos adultos da localidade

FOTOS DA SERRA DAS ANDORINHAS







MAPAS DO PARQUE ESTADUAL SERRA DOS MARTÍRIOS/BIOMAS

